

**ENTRE FIOS E TECELAGEM:
A PRODUÇÃO, O USO E AS APROPRIAÇÕES
DA FAIXA PARAGUAIA NO PANTANAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

**Claudia de Medeiros
Daiane Lima dos Santos
Wanessa Pereira Rodrigues**



Conselho Editorial Life Editora

Prof. Dr. Amilcar Araujo Pereira

UFRJ/ Faculdade de Educação

Prof. Dr. Edgar César Nolasco

UFMS/ Campo Grande-MS

Prof. Dr. Gilberto José de Arruda

UEMS/ Unidade de Dourados

Prof. Dr. Matheus Wemerson G. Pereira

UFMS/Campo Grande-MS

Prof. Dr. Giovanni José da Silva

UFMS/Campus de Nova Andradina

Prof^á. Dra. Helena H. Nagamine Brandão

Universidade de São Paulo - USP-SP

Prof^á. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva

UFG/Goiás

Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

Universidade do Porto, Portugal/ INEDD/Universidade Siegen/Alemanha e Unicamp

Prof^á. Dra. Léia Teixeira Lacerda

UEMS/ Unidade de Campo Grande

Prof^á. Dra. Maria Cecília Christiano Cortez de Souza

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Prof^á. Dra. Maria Leda Pinto

UEMS/ Unidade de Campo Grande



O papel utilizado nos nossos livros são biodegradáveis e renováveis. Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico durante o seu crescimento! A tinta que utilizamos em nossas impressões das páginas são à base de soja, cujos componentes são renováveis e atóxicos que não degradam o meio ambiente.

“O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL APRESENTA”

ENTRE FIOS E TECELAGEM: A PRODUÇÃO, O USO E AS APROPRIAÇÕES DA FAIXA PARAGUAIA NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL

**Claudia de Medeiros
Daiane Lima dos Santos
Wanessa Pereira Rodrigues**

1ª EDIÇÃO - CAMPO GRANDE/MS - BRASIL - 2023

“PROJETO INCENTIVADO PELO FUNDO DE INVESTIMENTOS CULTURAIS – FIC/MS”

INVESTIMENTO



Copyright © by **Claudia de Medeiros**
Daiane Lima dos Santos
Wanessa Pereira Rodrigues

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação Editorial

Valter Jeronymo

Diagramação

Life Editora

Projeto Gráfico

Life Editora

Revisão Final

Claudia Medeiros

Finalização dos Arquivos

Life Digital



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antonio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (11) 3508 1941 - Cel.: (67) 99297-4890

contato@lifeditora.com.br • www.lifeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

De Medeiros, Claudia
Dos Santos, Daiane Lima
Rodrigues, Wanessa Pereira

Entre fios e tecelagem: a produção, o uso e as apropriações da faixa Paraguaia no Pantanal de Mato Grosso do Sul / Claudia de Medeiros, Daiane Lima dos Santos e Wanessa Pereira Rodrigues – Campo Grande, MS: Life Editora, 2023.

240p. : il. : 23 cm

ISBN 978-65-5887-000-0

1. Patrimônio Cultural 2. Cultura 3. Mato Grosso do Sul I. Título

CDD - 370

Proibida a reprodução total ou parcial, sejam quais forem os meios ou sistemas, sem prévia autorização das autoras.

AGRADECIMENTOS

A todos os envolvidos, sejam eles pantaneiros moradores nas fazendas ou nas cidades do Estado de Mato Grosso do Sul. Pessoas que colaboraram com seus saberes ou sede de saber, que foram fundamentais pela imersão que nossa equipe fez no universo da Faixa Paraguaia/Pantaneira. Gentilmente compartilharam de seus saberes e práticas culturais, acrescentando importantes contribuições para o processo de construção desta pesquisa. Gratidão aos mestres e mestras, peões de fazenda, peões de comitiva, artesãos e artesãs da Faixa Paraguaia/Pantaneira e demais apoiadores dos municípios de Corumbá, Aquidauana, Miranda, Rio Verde de MT, Ladário, Coxim, Porto Murtinho e Bodoquena.

Ressaltamos que a construção deste e-book só foi possível graças à contribuição desses diferentes grupos sociais pertencentes ao universo da Faixa, pois suas histórias e vivências narradas por meio de entrevistas possibilitaram a coleta de informações para o reconhecimento do bem cultural, de cunho imaterial, cujo modo de fazer reúne características que justificam o pedido de registro.

Às fazendas e instituições que apoiaram esta iniciativa viabilizando as atividades propostas pelo Ponto de Cultura Sapi-cuá Pantaneiro, visando a realização de ações de salvaguarda e transmissão de saberes. De modo especial, por acreditarem e cointeressarem com nossos propósitos de difundir a cultura pantaneira gerando valores ao artesanato local e resultando em oportunidades de emprego e melhoria de renda para as famílias da região do Pantanal.

Por fim, nossos agradecimentos a todos que, ao longo do processo deste projeto, contribuíram de alguma forma para a realização da pesquisa no campo ou nos arquivos..

Este e-book foi financiado pelo Fundo de Investimentos Cul-

turais (FIC-MS) e cumpre a função de fomentar o setor artístico sul-mato-grossense propiciando um diálogo da população regional com as mais diversas manifestações, práticas, modos de viver e fazer a cultura no território pantaneiro.





Foto: Guilherme Rondon

Se nos fosse dada a missão de apresentar pessoalmente a você o nosso Pantanal, iríamos pedir-lhe que levasse consigo o seu alforje munido com bermuda e roupas de lã, seu poncho de leite de mangaba, seu chapéu de palha de carnaúba, seu porongo de água fria, sua cuia de mate quente e seu sapicoá de guaraná, porque na caminhada iríamos pegar sol de rachar, frio de tremer, água de nadar, sede de gemer, vento de secar e chuva de encher.

Cássio Leite de Barros

APRESENTAÇÃO

O Pantanal sempre foi conhecido como um dos lugares mais belos do mundo, a diversidade e exuberância de sua fauna e flora compõe um cenário de rara beleza. Inserido nesse ambiente está o homem pantaneiro que, com sua sabedoria simples que criou um jeito próprio de ser e de viver.

Contudo, considerando as várias influências culturais ocorridas nas últimas décadas, em 2003 – em um esforço entre comunidades locais e instituições públicas e privadas – o Projeto Sapicuá Pantaneiro propôs realizar pesquisa de campo em fazendas e escolas pantaneiras com o objetivo de identificar e difundir o artesanato na região. As Faixas Paraguaias ou Faixas Pantaneiras – nomes adotados pela comunidade – foram um dos itens cujo uso e modo de fazer artesanal necessitavam de ações urgentes de identificação de artesãs que ainda mantinham a prática e de ações de salvaguarda para que o saber de confeccionar artesanalmente a Faixa fosse difundido e ensinado à outras pessoas.

Juntamente com essa ação de formação de novas artesãs e artesãos, houve um trabalho de educação patrimonial e ambiental com as novas gerações. Assim, foram trabalhados os saberes pantaneiros e o modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira com crianças e adolescentes nas escolas da região do Pantanal. Ou seja, no decorrer desses 20 anos de atuação do projeto Sapicuá Pantaneiro, foram desenvolvidas ações de salvaguarda para transmissão dos saberes.

Apesar da ampla difusão do trabalho, algumas perguntas inquietavam a gestora do Sapicuá Pantaneiro, pois era-lhe visível a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o complexo universo da Faixa para que fosse possível desenvolver novas ações e pesquisas em prol da salvaguarda desse bem cultural. Inicialmente, questionava-se: Qual é a sua origem? De que modo se estabeleceu

na região e passou a ser apropriada por diferentes grupos sociais? Qual a origem do tear? Como era realizada a confecção da Faixa pelas artesãs e artesãos? Individualmente ou de forma coletiva?

Partindo destas questões, a pesquisa ora apresentada buscou não só respondê-las, mas também identificar novas artesãs e artesãos, entender as características dos diferentes grupos que confeccionam a Faixa, tipo de material e de tear utilizado e, por fim, quais os usos e funções desse bem artesanal. A realização da pesquisa possibilitou-nos entender como o modo de fazer a Faixa foi se modificou e adaptou ao longo do seu processo histórico, se seu uso estaria relacionado ao contato e trocas culturais realizadas entre diferentes grupos sociais e étnicos que historicamente foram ocuparam o Pantanal.

O conceito de patrimônio cultural que balizou a pesquisa é o seguinte: O patrimônio cultural é fruto das relações sociais. É um processo social construído nessas relações. Logo, ao longo de sua história sofre alterações, mas isso não exclui o seu valor ou importância para os grupos que os detém. (Rodrigues, 2021).

Diferentemente do patrimônio material que deve ser preservado sem sofrer modificações que alterem suas características físicas; o imaterial, por ser fruto das relações sociais e culturais, sofre sutis mudanças em seu processo histórico, visto que a cultura é dinâmica e está em constante processo de construção pelos indivíduos e grupos.

Tais ideias e conceitos deram base a nossas pesquisas e foram corroboradas por fontes orais que nos auxiliaram a construí-las. Em cada entrevista identificávamos algumas mudanças como, por exemplo, incorporações de novos elementos, dois tipos de teares usados e formas diferentes de nomear a Faixa etc.

Há de se considerar que a pluralidade de formas de fazer a Faixa Paraguaia/ Pantaneira está ligada ao processo de ocupação dos variados territórios pantaneiros e ao modo como cada um desses grupos sociais e étnicos se fixavam nesses espaços. O processo de ocupação do Bioma gerou essa diversidade de elementos devido

aos contatos e trocas culturais estabelecidas. Importante ressaltar que, antes da ocupação Ibérica na região, já havia povos originários de diferentes etnias. Alguns praticavam a tecelagem enquanto se territorializavam, de diferentes formas, nesse vasto território.

O rico material coletado nas pesquisas de campo corrobora para o fato de que a Faixa Paraguai/Pantaneira é um bem portador de referência cultural para diferentes grupos que habitam o Pantanal. Dessa forma, os subsídios aqui apresentados poderão fornecer bases para abertura de processo visando o seu registro como bem cultural sul-mato-grossense.

Sobre esse aspecto, poderá subsidiar futuro processo de registro como patrimônio imaterial na instância Estadual, junto à Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul (FCMS) e ao Conselho Estadual de Cultura. Cumpre destacar que, para tal pesquisa, alicerçamo-nos na referência documental da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003 e no Decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000 que institui o Registro de Bens de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro.

SUMÁRIO

1 ENTRE FIOS E TECELAGEM, AS ORIGENS DA FAIXA PARAGUAIA/PANTANEIRA

- 1.1 A influência da Faixa Paraguaia nos países platinos
- 1.2 Herança cultural indígena

2 UMA HISTÓRIA DE CONTATOS E TROCAS CULTURAIS

- 2.1 Faixa Paraguaia ou Faixa Pantaneira?
- 2.2 O uso, funções e a apropriação da Faixa no Pantanal de MS
- 2.3 Um fazer transmitido entre gerações
- 2.4 Inovação – novas formas de uso e a inserção na área do design

3 OS SABERES E A FIGURA FEMININA NO OFÍCIO

4 PRODUÇÃO

- 4.1 Tipos de teares
- 4.2 A utilização da lã e do algodão
- 4.3 Preparo do algodão e processo de tingimento do algodão
- 4.4 Escolha das cores para confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira
- 4.5 Faixa de tear manual x Faixa industrializada

5. MODO DE FAZER E TECER A FAIXA NO PANTANAL

- 5.1 Material necessário:
- 5.2 Tear Manual tradicional encontrado e difundido na região do Pantanal

6 ARTESÃS E ARTESÃOS DO PANTANAL

- 6.1 No Pantanal entrevistamos: ex-chefe de comitiva, trabalhadores de serviços gerais, peões e diversos outros.

7 PROJETO SAPICUÁ PANTANEIRO: AÇÕES DE SALVAGUARDA E TRANSMISSÃO DE SABERES

- 7.1 Manual das oficinas do Projeto Sapicuí Pantaneiro
- 7.2 Videoaula Faixa Paraguaia/Pantaneira – tecendo nossa história
- 7.3 Contribuição acadêmica
- 7.4 O homem pantaneiro: cultura, ciência e tecnologia – dos tempos do Sapi-
cuá Pantaneiro aos tempos de CPU
- 7.5 Participação em eventos e festivais
- 7.6 As oficinas e a geração de oportunidades para as artesãs
- 7.7 A Faixa Paraguaia como instrumento pedagógico interdisciplinar
- 7.8 A novela Pantanal como mecanismo de divulgação da Faixa Paraguaia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

COLABORADORES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPI – Equipamento de Proteção Individual

FCMS – Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional

MINC – Ministério da Cultura

WWF – *World Wildlife Fund* - Fundo Mundial para a Natureza

**Observação: As falas dos entrevistados foram transcritas fielmente, conservando o teor original tanto no aspecto gramatical, quanto no aspecto cultural.*

Capítulo 1

ENTRE FIOS E TECELAGEM, AS ORIGENS DA FAIXA PARAGUAIA/ PANTANEIRA

A palavra artesão significa “pessoa que trabalha com as mãos”, portanto o artesanato – ou arte feita com as mãos - está presente em nossas vidas desde o início da humanidade.

Na Pré-História, o homem inventou a arte, mas a produção artística expressa por meio das pinturas rupestres, por exemplo, estava relacionada à uma tentativa de comunicação, considerando o seu modo de vida nômade. Foi no período seguinte, conhecido como Neolítico ou Idade da Pedra Polida – sedentarização – que o homem começou a polir a pedra, fabricar peças de cerâmica e utensílios, bem como tecer roupas usando fibras de animais e vegetais.

Desse modo, pode-se afirmar que a técnica do artesanato faz parte da cultura da nossa sociedade desde tempos muito antigos. Entretanto, ao longo da História essa arte e a técnica artesanal tomou maiores proporções, passando por transformações e ressignificações.

No mundo, há diversas formas de expressão do artesanato, como a produção de móveis, toalhas, tapetes, bolsas, faixas e uma variedade de peças úteis, cujas técnicas, instrumentos e tecnologias foram aperfeiçoadas ao longo do tempo, visando a melhora da nossa qualidade de vida.

No Brasil, antes da colonização, é possível notar a produção artesanal indígena. Tal produção sofreu modificações em virtude do contato com o europeu e do processo colonizador. Os adornos foram elementos que fascinaram o europeu em um primeiro momento e, por isso, serviram como instrumento de troca por utensí-

lios como espelhos e outros objetos cuja tecnologia era desconhecida pelos indígenas.

Os Guarani – etnia mais representativa que ocupa o território da América do Sul – por exemplo, eram indígenas que produziam diversos artefatos de forma manual, dentre eles, redes para deitar e dormir e objetos de uso coletivo e pessoal.

De acordo com Margarita Miró Ibars, historiadora paraguaia, em seu livro *Artesanía paraguaya de Carapeguá: patrimonio inmaterial*,

Os indígenas teciam suas redes de fibra de coco não tingido ou tingido de cor. Teciam de tamanhos diversos para adultos e para crianças. O espanhol achou a rede útil e confortável; já nas expressões feitas nos primeiros dias, o conquistador trouxe sua rede, tão fácil de transportar, tão leve, que quando foi montado um acampamento lhe proporcionou uma cama confortável e segura.¹

A afirmação da autora demonstra que havia o conhecimento indígena de técnicas artesanais, mas que o mesmo foi modificado e ganhou nova forma e tecnologia em função da colonização e das transformações ocorridas ao longo do tempo.

Assim, neste livro temos como objeto de estudo o modo de fazer, a apropriação e o uso da **Faixa Paraguaia** também conhecida como **Faixa Pantaneira**, confeccionada de forma artesanal por artesãos e artesãs residentes nos municípios do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Embora durante a pesquisa, tenhamos identificado o uso da Faixa em outros municípios sul-mato-grossenses, nos municípios da área urbana contemplados pela pesquisa não encontramos artesãos com domínio do modo de fazê-las.

A Faixa Paraguaia/Pantaneira, cujas origens ainda são imprecisas, ainda possui traços indígenas em suas cores e técnicas, apesar de ter sofrido incorporações a partir do contato com o colonizador, em particular, o europeu. Dessa forma, vale destacar que a Faixa constitui objeto de estudo a ser explorado por pesquisadores, uma

1. (IBARS, 2017, p. 31).

vez que não há produção histórica a seu respeito. E como uma das referências culturais de diferentes grupos que habitam o Pantanal, carece de estudos mais aprofundados, podendo resultar em dissertações e teses de mestrado na área do patrimônio cultural.

De início, um tear vertical era adotado pelos indígenas; depois, o horizontal em virtude do contato com o europeu e, atualmente, o tear melhorado². O tear se modificou e adaptou, trazendo facilidade no manuseio e feitura da Faixa no país vizinho, o Paraguai. No Brasil, observa-se que, para fabricar a Faixa Paraguaia/Pantaneira, utiliza-se o tear horizontal e o vertical estilo janela, conforme explicado pelos nossos interlocutores.

O presente livro traz diferentes relatos e contribuições, uma vez que é composto de narrativas históricas (fontes confiáveis, literatura brasileira e paraguaia, fotos e outros documentos) e narrativas orais dos produtores da Faixa Paraguaia/Pantaneira, assim como de quem usa e se apropria desse objeto que se tornou um bem cultural do homem trabalhador do campo e das festividades de comitiva e dança sendo, inclusive, utilizada pelas mulheres na cintura e em novas criações, como blusas, bolsas, bijuterias e outros acessórios. Tais mudanças nesse objeto produzido artesanalmente são frutos das relações sociais que foram se estabelecendo ao longo da história; por se tratar de um bem de natureza imaterial é comum que, com o decorrer dos anos, essas mudanças e adaptações ocorram, mas é imprescindível que a Faixa continue carregando a referência cultural dos grupos envolvidos em seu universo.

Nessa perspectiva, as entrevistas realizadas propiciaram a visualização de um panorama geral da confecção e uso da Faixa nos municípios do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Ao longo delas, foi possível observar que alguns atores sociais de origem cuiabana, no Mato Grosso, iniciaram seus trabalhos artesanais produzindo redes, isso significa que houve uma transição da feitura da rede para a feitura da Faixa Paraguaia, a qual eles se referem como Faixa Pantaneira. Outros artesãos dos pantanais de

2. [apud IBARS, 2017].



Corumbá também relatam fazer redes, baixeiros e tapetes no mesmo tear que usam para fazer a Faixa Pantaneira.

Cabe frisar que, ao longo do trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com pessoas de 50 anos ou mais, residentes nos municípios onde há a ocorrência da Faixa Paraguaia/Pantaneira no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Na região urbana dos municípios de Miranda, Bodoquena e Coxim não encontramos artesãos que confeccionem a Faixa, apenas pessoas que a usam.

Para cumprir com o objetivo supracitado, apresentamos o contexto histórico, os instrumentos, as técnicas, as etapas de produção da Faixa Paraguaia/Pantaneira e os produtos obtidos a partir dela, assim como a importância da metodologia adotada no ensino da confecção artesanal para adultos e crianças no ambiente escolar.

Nesse sentido, o marco temporal da presente pesquisa limita-se ao contexto político, econômico e social entre Brasil e Paraguai, cujo início se deu no final do Século XIX, com o término da Guerra da Tríplice Aliança e início da exploração ervateira no Sul de Mato Grosso – marco importante de migração da população paraguaia no Mato Grosso do Sul – e, mais tarde, adentrando o Pantanal.

Nossa pesquisa fez uma contextualização histórica a partir das relações sociais que produzem esse bem cultural, demonstrando que existiram diversas influências e a participação de diferentes grupos étnicos e sociais. Mas não ficamos presos ao passado, fizemos uma pesquisa demonstrando como se encontra atualmente e como sua continuidade se projeta. E, por meio de relatos orais, coletamos dados que possibilitaram o entendimento e ilustraram como o modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira ocorre hoje, os conflitos e desafios que acompanham esse bem cultural apropriado por diferentes grupos que habitam o Pantanal.

1.1 A influência da Faixa Paraguaia nos países platinos

Embora reconheçamos que a Faixa seja um artefato utilizado por outros povos, incluindo europeus, é importante enfatizar que o marco temporal trabalhado neste livro realiza a análise de suas origens, a partir da relação entre Brasil e Paraguai, em meados do século XIX. Ou seja, partimos do século XIX para analisar as origens, usos e apropriações da Faixa Paraguaia no antigo sul de Mato Grosso, atual Estado de Mato Grosso do Sul.

Nos países platinos – Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai – que formam a Bacia Hidrográfica do Rio da Prata, nota-se o uso da Faixa, que nomeamos como Pantaneira ou Paraguaia, embora possa ter outra denominação na Argentina e no Uruguai.

A seguir, é possível verificar os países da América Platina onde há a utilização da Faixa na cintura.



Figura 1. Mapa Países platinos. Fonte: Geopocket

De acordo com Brand (2010), em *A história das fronteiras Guarani, na província de MT (1749-1910)*:

No século XVI, os Guarani e populações falantes do idioma guarani ocupavam um amplo território nas terras baixas da América do Sul, que ia desde o litoral de Santa Catarina, ao longo dos rios Paraguai, Paraná, Apa, Miranda e Pilcomayo, chegando até as franjas da Cordilheira dos Andes. (BRAND, 2010, p. 107).

O território sul-americano foi ocupado por diferentes etnias indígenas e, no nosso caso, os Guarani se destacaram na produção do algodão nativo utilizando massivamente os recursos naturais.

A esse respeito, no Paraguai, Brito, em seu texto *Paraguai, desenvolvimento e indústria maquiladora de exportação*, afirmou que:

existia ainda uma rudimentar, mas autossuficiente indústria têxtil, baseada no cultivo interno do algodão. Esta atendia a uma população de 600.000 paraguaios. Tais eram as condições de vida do Paraguai no século XIX, que: *no conocían la pobreza, ni el servilismo, ni la esclavitud, ni el 'pongo', ni la 'mita'*" (BRITO, 2017, p. 7 Apud RAMOS, 1968, p. 258).

Com isso, notamos a importância da atividade econômica paraguaia em torno da cultura do algodão que ficou abalada no período pós-guerra:

O pós-guerra foi um período crítico para a trajetória de independência econômica do Paraguai. Redução de suas fronteiras, inserção do livre comércio e a adoção do latifúndio. Estão sepultadas as bases de formação de um modelo de desenvolvimento autônomo na América Latina. Toda estrutura existente foi desmantelada, as terras, os bosques, as minas, os prédios das escolas e os ervais. Foi um período de dominação externa, com governos estrangeiros. Logo foi feito o primeiro empréstimo pelos britânicos e se acumularam as dívidas. A indústria têxtil teve um profundo impacto, em função do abandono do cultivo do algodão e da concorrência de Manchester. Era o fim de uma indústria têxtil nacional. (BRITO, 2017, p. 10).

Essa produção têxtil paraguaia está ligada à produção de te-

cidos/tejidos e, em especial, ao poncho e ao objeto deste livro, a Faixa Paraguaia.

Atualmente, a economia do Paraguai está fundamentada na agropecuária, com plantios de cana-de-açúcar, soja, algodão, mandioca, criações de bovinos, suínos e aves. O algodão (*Gossypium hirsutum* L.) configura-se como um dos principais produtos da pauta de exportação, sendo o responsável pela geração de 35% de todas as divisas do país. (RODRIGUES; MIRANDA, 2007, p. 13).

1.2 Herança cultural indígena

A Faixa Paraguaia é um bem de referência cultural no território pantaneiro e faz parte da vestimenta de peões no Pantanal de Mato Grosso do Sul, entretanto, não fica restrita a ele. O pantaneiro, devido à proximidade com o rio, acabou adquirindo esse legado a partir das trocas culturais, sociais e comerciais com o Paraguai que, por sua vez, recebeu essa herança antes da colonização europeia.

Observa-se que os indígenas já produziam uma espécie de Faixa para amarrar à cintura. Uma Faixa sem aplicação de cores, de algodão cru, utilizando-se de uma técnica rudimentar, conforme apontou Margarita Miró, pesquisadora paraguaia, como veremos adiante.

Para iniciar o contexto histórico, recorreremos à produção bibliográfica do país vizinho, o Paraguai, uma vez que o Pantanal sofreu forte influência paraguaia desde o final da guerra travada este país e o Brasil, inicialmente. E, depois, da Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai – contra o Paraguai.

De acordo com Margarita Miró Ibars (2017), houve três contribuições originárias da artesanaria paraguaia: indígena chaquenha, guarani e espanhola. A primeira estaria relacionada aos indígenas que habitavam a região do chaco paraguaio sob a influência Guarani. Ou seja, havia uma produção artesanal nativa com instru-

mentos e técnicas próprias.

A influência espanhola se deu com o processo colonizador, uma vez que o Paraguai foi colonizado pelos espanhóis. Foram eles os responsáveis por trazer uma nova forma de pensar o artesanato e, de acordo com Miró, introduziram o tear horizontal (usado hoje com adaptações) e as cores na confecção das faixas. Outra contribuição importante desse país europeu foi na lida do gado. No início do século XVIII o Pantanal do Mato Grosso uno, em particular na região sul, tinha a pecuária como atividade econômica em virtude das condições climáticas e ecológicas para reprodução do gado o que favorecendo, inclusive, a instalação de grandes charqueadas.

Quanto à chegada da Faixa Paraguaia em terras brasileiras de fronteira pode-se afirmar que um dos fatores que a justificaria, seria o momento pós-guerra do Paraguai, uma vez que a sua derrota motivou a entrada de uma parcela expressiva população paraguaia no Brasil.

Sabe-se que a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870) provocou mudanças significativas nos âmbitos políticos, econômicos e sociais em todos os países participantes, mas, em especial, no derrotado Paraguai.

Dentre os efeitos da Guerra neste país está a passagem por um período econômico muito crítico, que resultou na evasão dos paraguaios para o lado brasileiro, onde fixaram moradia. Observa-se que, além da rota terrestre, a fluvial via Rio Paraguai foi muito utilizada, sendo possível afirmar através de documentos que apontam a entrada de paraguaios em Corumbá formando, por sua vez, um bairro exclusivamente de paraguaios denominado Acampamento de Cima.³

O mesmo autor traz informações de que fazendeiros brasileiros contratavam trabalhadores paraguaios em fazendas pelo Pantanal no pós-guerra; tal fato demonstra mais uma forma de contato cultural com os paraguaios.

Nesse sentido, o Rio Paraguai que

3. Souza 2008).

[...] “anda e que penetra no coração da pátria, indo beijar, depois de percurso quase todo navegável, os mananciais da maior bacia potamográfica do mundo – a do Amazonas²²” – é um rio que nasce numa das principais chapadas do Planalto Central, precisamente na cordilheira dos Parecis, localizada no oeste de Mato Grosso.⁴

Sua importância não é só como elemento da natureza e como instrumento de intercâmbio político e econômico, mas também como mecanismo de trocas culturais:

Se nos tempos coloniais os espanhóis viram o Paraguai como *el mejor rio del mundo*, Zeferino Pimentel Moreira Freire, presidente da Província de Mato Grosso nos anos de 1843 e 1844, e autor de uma importante Memória Militar, o qualificou, durante o século 19, como uma das grandes estradas móveis do Brasil que parecia “(...) amoldado pela natureza para servir de mar interno, a fim de facilitar nossas comunicações como os vastos sertões, e abrir estes cofres entranhados na terra”. Os relatos dos séculos 18 e 19 evidenciavam, portanto, a importância das conexões internas determinadas pelas vias terrestres ao longo do estuário platino, as razões das questões litigiosas que redundaram na Guerra do Paraguai; as ações sociais, as condições biológicas e os dados geográficos enfim, as circunstâncias e os acontecimentos políticos que envolveram a grande via de integração nacional e internacional.

João Severiano da Fonseca, em *Viagem ao redor do Brasil* (1880), afirmou que, por volta de 1876,

cerca de três a quatro mil paraguayos em meados desse ano, afluíram a ela [Corumbá], acompanhando nossas forças, mandando retirar de Assunção, e que emigraram a maior parte por já estar acostumada a viver da magra etapa dos soldados, e quase todos com receio da liberdade republicana. Assim viu-se de repente a vila com uma população quase dobrada⁵.

4. (BRAZIL, 2011, p. 8).

5. (FONSECA, 1880, p. 299).

O número de paraguaios que se encontravam em Corumbá era significativo, considerando que a população naquele período, somada à da Freguezia do Ladário, contabilizava aproximadamente 6 mil habitantes.

Esse movimento imigratório favoreceu o intercâmbio cultural, proporcionou trocas. Essas trocas fizeram com que a Faixa Paraguaia entrasse em circulação em território brasileiro num momento incerto, não sendo possível afirmar se tal fato ocorreu ainda no final do século XIX ou no século XX. Talvez, a Faixa Paraguaia estivesse sendo confeccionada por indígenas, visto serem mestres na arte de tecer redes.

Ademais, os indígenas que habitavam o antigo sul de Mato Grosso pertenciam, dentre outras, às etnias Guarani, Ofayé, Caia-pó, Guaicuru, Payaguá e Guató.

Há que se considerar ainda outro movimento que impactou na região sul de Mato Grosso: a exploração da erva-mate. A erva-mate (*lex paraguariensis*) é uma planta nativa da parte da América do Sul que envolve o sul de Mato Grosso, o noroeste paranaense, o leste do Paraguai e o território de Misiones na Argentina.

Com o término da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), uma comissão de limites percorreu a região ocupada pelos Kaiowá e pelos Guarani, entre o rio Apa, atual Mato Grosso do Sul e o Salto de Sete Quedas, em Guairá, Paraná. Inicia-se na região sul do então estado de Mato Grosso intensa disputa em torno das terras, ricas em ervas nativas. (BRAND, 2010, pp. 113-114).

Da comissão fez parte o empresário Thomaz Larangeira que, ao longo do processo, recebeu o apoio da família Mur-tinho (oligarquia) e, posteriormente, adquiriu a concessão de grande extensão de área territorial e o direito para explorar a erva-mate. A partir daí, teve como principais sócios os integrantes da família citada.

Indígenas que se localizavam na fronteira foram expropriados e suas terras monopolizadas pela Companhia Matte Larangeira, truste do mate na região. Adotou-se o regime de trabalho com-

pulsório e migrantes paraguaios foram empregados pelas empresas da região.⁶

Desse modo, no sul de Mato Grosso, a erva-mate foi explorada pela Companhia Matte Larangeira (Sociedade Anônima brasileira criada por Thomaz Larangeira por meio do Decreto nº 436-C, de 04 de julho de 1891) cuja sede ficava na Fazenda Campanário, no município de Dourados, mas que mantinha depósitos no Paraguai, em Villa Concepción, por exemplo, e utilizava vias paraguaias para o transporte da erva-mate.

Tal empresa, além de explorar a erva-mate, explorou a mão de obra dos indígenas Guarani e Kaiowá e de camponeses paraguaios em condições análogas à escravidão. Os indígenas da etnia Guarani eram moradores da região de fronteira do sul de Mato Grosso com o Paraguai e cultivavam a erva para consumo próprio. Dominavam a técnica do cultivo e do preparo do tereré, que foi gradativamente repassada.



A vida na fazenda Campanário.

Fonte: Arquivo Público Estadual de Mato Grosso do Sul

Embora não tenha sido possível encontrar referências (tanto documentais quanto fotográficas) sobre o uso da Faixa Paraguaia

6. (CENTENO, 2010, p. 228).

na cintura no período em questão (século XIX), tanto na guerra como no pós-guerra e no desenvolvimento dos trabalhos de exploração da erva-mate; é possível inferir que os indígenas a fabricavam em algum momento do século XIX e que esse elemento cultural passou a ser conhecido e usado a partir deste mesmo século.

Resumindo os acontecimentos: no contexto do sul de Mato Grosso ocorreu a guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai, possibilitando a imigração e o contato intercultural, seguindo-se, por determinado tempo, de um ciclo econômico lucrativo da erva-mate e, posteriormente, da pecuária (século XVIII ao XX).

A pecuária, destacando-se como principal atividade econômica no sul de Mato Grosso, resultou na criação de fazendas de gado e na busca de trabalhadores para exercerem as profissões de peão ou capataz de fazenda.



Tropa pantaneira

Foi nesse cenário sócio-histórico-geográfico que a Faixa Paraguaia ganhou destaque e passou a ser usada como forma de os peões garantirem uma postura ereta, adequada do tronco, auxiliando no enfrentamento da lida diária.



Peão preparando o cavalo para a lida diária

Capítulo 2

UMA HISTÓRIA DE CONTATOS E TROCAS CULTURAIS

2.1 Faixa Paraguaia ou Faixa Pantaneira?

Para abordarmos a Faixa Paraguaia/Pantaneira, recorreremos às poucas referências bibliográficas existentes, assim como às principais fontes deste livro – as orais. Para tanto, valemo-nos de entrevistas para entender a história, o modo de fazer, o uso e as apropriações desse bem cultural que tem raízes difusas e que faz parte do cotidiano de diferentes grupos sociais no Estado de Mato Grosso do Sul.

Com relação à entrevista oral,

deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais. Trata-se, pois, de uma fonte ajustada a um importante paradigma das sociedades ocidentais contemporâneas: a ideia do indivíduo como valor. O indivíduo único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo, e o pesquisador que opta por trabalhar com a História oral deve ter consciência de que está lidando com uma fonte que reforça esses valores.⁷

Nesse sentido, trabalhar a memória é considerar a ideia do indivíduo como valor e, portanto, de suma relevância para a composição deste livro, uma vez que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um

7. (ALBERTI, 2008, p. 169).

verdadeiro trabalho de organização”⁸.

Desse modo, a memória é apreendida como elemento importante no processo histórico que atravessou séculos nas vidas dos sul-mato-grossenses.

A respeito da nomenclatura da Faixa, todos os entrevistados da região do Pantanal de Corumbá, sem exceção, afirmam que conhecem a Faixa como Pantaneira e não Paraguaia.



Eusébia Alvarenga de Torres

Todavia, temos o exemplo da Dona Eusébia Alvarenga de Torres, 63 anos, que nasceu em Concepción no Paraguai e mora em Aquidauana. Ela relatou que conheceu a Faixa Paraguaia em seu país de origem, mas que só aprendeu a confeccioná-la aqui no Brasil, com cinquenta e poucos anos, junto com o neto no Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro. Desse modo, em suas palavras

então é Pantaneira pra mim e usar a Faixa Pantaneira é muito bom. O peão usa muito a Faixa e até pessoa de idade usa a Faixa, meu marido usava muito a Faixa porque trabalhou muito no campo, então campeiros usam muito a Faixa, porque protege eles em cima do cavalo, fazer força, é muito útil pra eles, protege a coluna, protege o rim.

8. (POLLAK, 1992, p. 5).



Marli Ocampos

A mestra artesã Marli Ocampos conhece como Faixa Paraguai. Nascida em Aquidauana, aprendeu a fazer a Faixa ainda criança com sua avó. No trabalho de salvaguarda e difusão do modo de fazer a Faixa, Marli foi a pioneira, pois foi a mestra responsável por multiplicar esse saber através do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro, iniciado em 2003. Também foi responsável por ministrar oficinas, repassando esse saber a inúmeras mulheres pantaneiras, durante seis anos.

Sobre sua atuação no ensino de fazer a Faixa:

Pra mim foi muito gratificante resgatar uma tradição que era importante para minha avó, porque ela gostava muito e eu também gostava de fazer a Faixa, sempre achei bonito. Nunca me esqueço do beija-flor que entrou na minha casa naquele dia, e depois você chegou. Pra mim era você esse beija-flor porque a partir daquele dia a minha vida mudou e me tornei o que sou hoje, uma mulher independente.



Cecília da Silva Almeida

Artesã faixeira há 17 anos, Cecília da Silva Almeida, moradora de uma fazenda localizada no Pantanal, descreve que conhece a Faixa como Pantaneira porque é feita pelas pantaneiras:

Conheço como Faixa Pantaneira porque conheci sendo feita por mulheres pantaneiras. Eu tinha uns 35 anos mais ou menos quando a Claudia de Medeiros levou um projeto do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro para escolas pantaneiras. Nessa época minhas filhas estudavam na escolinha Vale do Rio Negro e foi lá que eu aprendi, desde então venho fazendo faixas e muitas coisas com elas. Quem quer aprender realmente eu tenho o maior prazer de ensinar e paciência, já ensinei várias artesãs lá da região do Pantanal, já dei também aula para as crianças na escola... então várias pessoas aprenderam comigo. E agradecer, né, sempre o Sapicuá por ele ter dado a oportunidade de levar o curso lá para as pessoas aprenderem. Quem quis aprender e continuar o trabalho foi muito legal, outras não fizeram mas cada um com seu cada um.



José Roberto Bebeto

Já o senhor, José Roberto Bebeto, de 64 anos, natural de Rio Verde, relata:

Eu sempre ouvi como Paraguaia, eu conheço essas faixas lá do Paraná. Eu via o pessoal usando lá. Mas não sabemos dizer certinho se é Paraguaia ou Pantaneira. (José Roberto Bebeto, 2022).



Seila Gomes Ferreira

Seila Gomes Ferreira – Dona Neca de 53 anos nasceu em Aquidauana e na fazenda na região do Rio Negro é faixeira há seis anos. Conhece a Faixa como Pantaneira e justifica:

porque ela é mais usada nas fazendas no Pantanal e a gente já conheceu como Faixa Pantaneira e quem me ensinou foi a Cecília por um Projeto do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro. Eu levava meu filho na escola aí eu ia lá para a fazenda onde ela mora passava o dia para ela me ensinar. Aí, como não tinha tempo de eu aprender tudo no dia ou no outro, quando fosse um final de semana ela ia na fazenda do lado da fazenda onde eu morava, levava o tear dela e acabava de me ensinar. Aí quando eu começava a fazer em casa e não sabia como fazer os detalhes das faixas, eu ligava para ela e ela me ensinava por telefone. Foi assim que eu aprendi a fazer as faixas, a fazer os detalhes das faixas – aprendi tudo por telefone: ela me explicando, eu fazia, voltava e falava com ela novamente. Uma tarde eu gastei o crédito todinho do meu telefone aprendendo a fazer essa Faixa, mas eu aprendi por telefone: ela me explicando e assim eu aprendi.



Izaura Costa Moura

Izaura Costa Moura nasceu em Nioaque, tem 58 anos e nos contou que:

Meu pai era filho de paraguaia com gaúcho. Na época em que o pai usava era Faixa Paraguaia, mas depois que eu vim pra cá (Aquidauana) eu vi que era Faixa Pantaneira. Faz 5 anos que aprendi a fazer a Faixa, no Ponto de Cultura Sapicuá. Na época era eu e a sogra da minha menina, mas ela faleceu e daí ficou só eu lá, fazendo em casa. Eu demoro uns 3 a 4 dias para fazer uma Faixa, é porque eu vendo em casa também, aí um chega um e eu tenho que parar. Conheço pelo menos mais umas três mulheres que aprenderam a fazer pelo Sapicuá e até hoje fazem.



Dona Francisca Fátima

Dona Francisca Fátima, moradora de Nioaque, foi uma das primeiras alunas do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro em 2003, quando ainda era Projeto. Desde então, nunca mais parou de tecer a Faixa, conquistou sua carteirinha de artesã e ela relata ter conhecido a Faixa com o seguinte nome:

Sou a artesã Francisca Fátima, confecciono a Faixa desde 2003, aprendi num curso ministrado na Fazenda Figueira pelo Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro, conheci a Faixa como Paraguaia no projeto. Desde que aprendi até os dias de hoje não teve mudança na forma de fazer, depois que aprendi a fazer a Faixa nunca mais parei e consegui minha carteirinha de artesã, hoje tenho mais uma profissão e tenho outras rendas em casa mas a Faixa Paraguaia me ajuda muito.



Maria Aparecida Amorim Bruno

Dona Maria Aparecida Amorim Bruno, moradora de Aquidauana, aprendeu a fazer a Faixa Paraguaia no ano de 2013, no Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro. Conheceu a Faixa como Paraguaia:

Conheço a Faixa como Paraguaia, sou filha de paraguaio com indígena Terena e sempre soube que essa tradição vem do Paraguai. Depois que aprendi nunca mais parei de fazer a Faixa: faço três num dia, mas é puxado, eu não usava Faixa, mas agora uso na cabeça. Faço para vender, tenho um estoque porque eu vendo para o pessoal de Fazenda e da cidade.



Dona Maria Jovelina

Dona Maria Jovelina, nascida na Fazenda Triunfo, no Pantanal do Paiaguás, em Corumbá, conta que aprendeu ainda jovem a fazer a Faixa Pantaneira com sua mãe. Na época, plantavam o algodão, descaroçavam com as mãos e fiavam, transformando em linha para tecer a Faixa Pantaneira. Todo o processo feito manualmente. Seguindo em seu relato, ela diz que conhecia a Faixa pelos dois nomes – Paraguaia e Pantaneira – e aponta as diferenças entre elas:

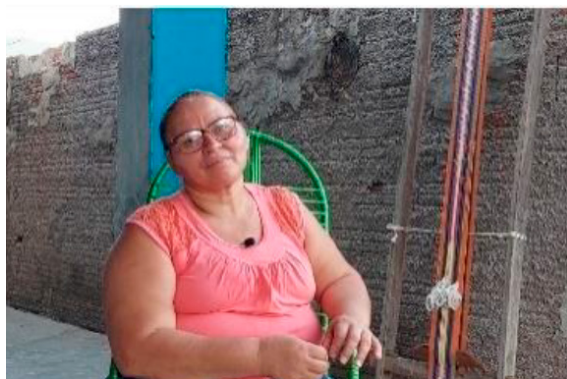
A única diferença entre elas são as cores, na Paraguaia algumas pessoas usam apenas duas cores e na Pantaneira mais de duas. A a Pantaneira é feita aqui e a Paraguaia vem do Paraguai.



Jonas

Da mesma forma, o Seu Jonas, nascido na Fazenda Santa Clara, no Pantanal da Nhecolândia, Corumbá – que trabalha em fazenda desde os 12 anos de idade e hoje, com 66 anos, ainda continua na lida – relata que conhece como Faixa Pantaneira:

Aqui no Pantanal da Nhecolândia a gente conhece como Faixa Pantaneira; a Faixa Paraguaia é feita no Paraguai. Dessa do Paraguai a gente encontra para comprar em uma loja de acessórios e equipamentos para o campo aqui em Corumbá.



Maria José Silva da Costa Rodrigues

Dona Maria José Silva da Costa Rodrigues tem 56 anos, nasceu em Albuquerque na região de Corumbá, aprendeu a fazer a Faixa aos 18 anos. Suas Faixas são vendidas para os peões das fazendas na região do pantanal:

Bom, eu aprendi com uma prima minha que morava na fazenda perto da gente. Eu morava com meu pai e a Jovelina ia lá pra ensinar a gente a fazer a Faixa. Conheço a Faixa como Pantaneira e a diferença da Paraguaia que compramos industrializada nas lojas aqui na cidade é que essa aqui pantaneira é bem mais tecida, mais firme do que a outra. A Paraguaia que chega aqui é mais mole, não é igual a essa que fazemos no tear. Já vi em vários lugares para vender aqui na cidade essa Faixa que vem do Paraguai e ela é mole. Essa nossa, a Pantaneira, é mais resistente, bem tecida e apertada bem na cintura.



Agápito Manoel de Aquino


Para Agápito Manoel de Aquino:

Aqui na região do Pantanal do Paiaguás conhecemos como Faixa Pantaneira, a Paraguaia é feita no Paraguai. Antigamente fazíamos com o algodão cru num processo todo manual, hoje podemos comprar linhas coloridas e tecer a Faixa mais facilmente, o povo quase já não planta algodão nas fazendas da região. Eu, se pegar para fazer, faço a Faixa e ensino assim como ensinei parentes jovens a trabalhar o couro bovino para ser trançado e fazerem arreios.



Gregória Delosantos

Ao revisitar suas lembranças, Gregória Delosantos que tem 56 anos, nasceu no Paraguai e mora em Porto Murtinho, nos relata:



Sim eu conheço como faixa paraguaia porque antigamente meu vô, meu pai usou tanto, eu queria aprender aí tive a oportunidade que veio a professora Mari (Mari Saldanha) dar o curso de tear, aí tanto eu aprendi a faixa e eu fiz muito, vendi que o pessoal da fazenda, tanto é que o rapaz que fica passava aqui perto de casa me viu trabalhando no tear e chegou aqui em casa pedindo faixa, se eu fazia para ele, aí eu falei sim, eu faço sim, sem problema

Após tais relatos, podemos afirmar que ambos os nomes são usados pelos diferentes grupos que fazem parte do mundo da Faixa. Embora Faixa Paraguaia indique o país de origem, nota-se uma tendência pelo uso do nome regionalizado, com maior ocorrência na região do Pantanal, passando assim a denominar-se Faixa Pantaneira.

Ou seja, trata-se de um bem cultural que incorpora elementos da cultura local ao ser trazido do país vizinho como, por exemplo, a escolha das cores da Faixa, inspirada não apenas na bandeira paraguaia, mas também nos animais e aves do Pantanal, conforme relatado pelos entrevistados. E a forma de ser confeccionada, sendo adaptada no tear de influência dos povos originários que habitaram e habitam o Pantanal, no formato vertical ou janela, como descrito pelo mestre Agábito Manoel de Aquino, que conta ter aprendido a tecer a Faixa Pantaneira com sua mãe, Dona Maria José de Aquino, artesã que tecia Faixas e redes no tear de ambos os formatos.

Dessa forma, entendemos que a cultura é caracterizada pelas ações através das quais os povos se expressam: criando, fazendo e vivendo em grupo ou em sociedade. Ou, como nos ensina Canclini (2019):

a cultura é um processo dinâmico marcado por contexto plural e heterogêneo que ocorre entre atores sociais, ou seja, está em constante mudança e transformação por esta ser produto das relações entre pessoas, a cultura como uma seleção e combinações sempre renovada de suas fontes.

2.2 O uso, funções e a apropriação da Faixa no Pantanal de Mato Grosso do Sul

A Faixa Paraguaia é comumente usada em fazendas no Pantanal. Sobre este aspecto, Abílio Leite de Barros, em seu livro *Gente Pantaneira*, pontuou:

[...] acabamos usando botas campeiras, em vez de botina mineira, e bombachas e faixas com predominância das cores da Bandeira Paraguaia, que usávamos sem notar, além de guaiacas, palas, puitãs e tiradores.⁹

Isso demonstra a forte influência paraguaia no Pantanal de Corumbá, uma vez que a Faixa carrega um estilo de cores da bandeira paraguaia, o que se deve à proximidade fronteira, ao entrelaçamento das culturas e ao fato de os paraguaios, diferentemente de italianos ou de pessoas de outras nacionalidades, não terem fundado núcleos populacionais isolados.

No que tange à influência paraguaia, José Renê Bessa de Almeida, 74 anos, peão de fazenda, trouxe algumas contribuições:

Os paraguaios traziam para vender na região do Nabileque. Vinham de chalana e traziam as coisas para vender e traziam muitas faixas. Além disso, antigamente, no Porto de São Francisco, na beira do Rio Paraguai, tinha umas moças que faziam, mas elas praticamente não venciam as encomendas. Eu não sei se ainda tem alguma delas viva, porque eu era novo e elas já eram de idade. (José Renê Bessa de Almeida, 2021).

O mestre Agápito apontou o seguinte:

Quando minha vó veio de Cuiabá, [para Corumbá] sabia fazer a Faixa e aí ensinou minha mãe e ensinou nós a fazer a Faixa. O fio era de algodão, que nós mesmo fazíamos, que [a gente] não comprava fio. Era feito de algodão e para tingir era com casca de madeira. (Agápito Manoel de Aquino, 2021).

9. (BARROS, 1998, p. 267).

No Pantanal, a Faixa faz parte da vestimenta do peão e inclui a utilização do Sapicuá, espécie de bolsa que carrega matula e objetos para a lida no campo.



Sr. Mancha Peão Pantaneiro

De acordo com Bigatão, em seu texto: *A construção da imagem do peão pantaneiro: a inscrição da TV e do rádio na cultura mestiça do Pantanal de MS*, a vestimenta do peão é:

Bombacha ou jeans cobertos por calça de couro ornamentada com margaridas, botas ou botinas de couro, sobre ela a guaiaca, também com muitas margaridas, e chapéu de feltro ou palha na cabeça. Presos à cintura, vão os inseparáveis facão e a chaira, o instrumento para amolar que deixa o corte da lâmina preciso. Quando a lida é distante ou longa, na cintura desponta, ainda, o revólver.¹⁰

Mais adiante a autora afirma que está o peão vestido com calça de couro sobre jeans ou bombacha, Faixa Paraguaia, chapéu de carandá ou de feltro, botina de couro ou descalço, facão e guaiaca na cintura; na vestimenta dele vários elementos estão misturados: a Faixa Paraguaia é tecida em fios de algodão, larga e colorida, dá voltas na cintura.¹¹

10. (BIGATÃO, 2010, p. 1).

11. (BIGATÃO, 2010, p. 19).



Guaiacas na cintura de peões

Cabe destacar que guaiaca é uma palavra que vem do *quí-chua* e do espanhol *guayaca* e é um cinto largo, de couro, com bolsos para o transporte de objetos de tamanho pequeno. É um instrumento essencial na composição da vestimenta do peão, assim como dos gaúchos. Normalmente as guaiacas são colocadas por cima da Faixa Paraguaia.

O entrevistado Ítalo Milha Rodrigues de Almeida, de apelido “Bugio”, peão nascido na Fazenda Barra Mansa, falou a respeito do chamado Sapicuá, afirmando que

antigamente se fazia de bolsa de sal, perna de calça – corta, costura – e fazia duas partes. É um material simples e aco-
pla bem no cavalo. Carrega erva, matula, o que você quiser.
(Ítalo Milha Rodrigues de Almeida, 2021).



Ítalo Milha

Acerca do uso da Faixa, a maioria dos entrevistados afirmaram que usavam a Faixa Paraguaia para trabalho e alguns demonstram qual era a função dela:

Ela tem uma função específica, uma delas é a proteção. Usa para fazer força, proteção da coluna. Hoje, os trabalhadores usam um equipamento específico que é uma cinta (EPI - Equipamento de Proteção Individual); antes não, no lugar da cinta usavam a Faixa. (Matias da Silva, 2021).

O Seu Jonas Sebastião Gregório, nascido no Pantanal da Nhecolândia, em Corumbá, trabalha em fazenda desde os 12 anos cuidando do gado, arrumando cercas e fazendo todo tipo de serviço braçal. Ele relata que até agora, aos 66 anos, não teve problema de coluna, pois sempre usou – e ainda usa – a Faixa Pantaneira. Para ele, a Faixa tem várias funções:

Antigamente a gente ia sair e já colocava a Faixa e a guaiaca por cima, íamos para Festa de São Sebastião, Festa de São Benedito e outros santos feitas nas fazendas. Mas a Faixa não é só boniteza na roupa, ela segura a cintura do peão para pegar tudo quanto é tipo de peso, protege a coluna.

O seo Jonas afirma ainda que, por ser um costume dos antigos trabalhadores do Pantanal, dificilmente você encontra um velho na região com problema de coluna:

Os antigos tudo protegia a coluna, os novos hoje não, daí você vê o cara novo com problema de coluna porque não usa a Faixa.

No Paraguai, eram utilizadas também como forma de proteção. O que é possível observar na entrevista concedida por Reina Cáceres ao afirmar que:

homens usavam na cintura, na chácara, para carpir, como forma de proteger a cintura, para a saúde. Andar a cavalo também. Serve para pôr faca. (Reina Cáceres, 2021).

Tal afirmação demonstra que tanto no Pantanal quanto no Paraguai a Faixa tem a mesma função.

Hoje, além do uso para proteção da coluna vertebral e suporte para equipamentos de trabalho, observa-se que, a exemplo das comitivas de Coxim, seu uso por cozinheiros, como composição para as vestimentas, é muito comum.

No Pantanal, o seu uso está diretamente relacionado à saúde, embora a parte estética também faça parte do contexto. A saúde sempre foi algo importante para o homem na lida, em especial, a saúde da coluna em virtude da realização de trabalhos braçais. A respeito, Antônio Carlos (2022) observa:

o pantaneiro, na sua essência de muitos e muitos anos, vem utilizando essa Faixa não só como adorno, mas como se fosse um EPI (Equipamento de Proteção Individual), uma pro-

teção de segurança para o homem pantaneiro. Então seria esse o objetivo da Faixa Pantaneira, além de ser uma peça decorativa.



Antônio Carlos

O mesmo pode ser notado no relato do Mestre Agápito:

A Faixa é uma proteção do peão. (Agápito Manoel de Aquino, Gabi, 2021).

Em outra entrevista, com o interlocutor Aristides, percebe-se a mesma finalidade:

A gente comprava para usar quando ia fazer força, porque segura, aperta bem mesmo, e aí põe o cinto por cima. (Aristides Gomes de Arruda, 2021).

A Faixa Paraguaia/Pantaneira é utilizada, pois, como proteção da saúde do peão pantaneiro em seu trabalho diário, que é sabidamente árduo e exige força e cuidados, especialmente com a coluna vertebral, vulnerável ao desenvolvimento de hérnia de disco, um tipo de lesão que ocorre com maior frequência na região lombar.

A hérnia é uma doença que ocorre quando um órgão interno se desloca e fica saliente por baixo da pele, podendo aparecer em diferentes partes do corpo, como umbigo, abdômen, coxa, virilha e costas. No caso do trabalhador do campo, ela é comum na coluna

e, por isso, a Faixa de amarrar na cintura é um mecanismo que previne a hérnia e outras possíveis lesões que podem prejudicar a saúde do trabalhador.

A seguir é possível observar do que se trata a hérnia:



Hérnia de Disco.
Fonte: Revista Pilates

A sustentação da coluna é a palavra-chave no uso da Faixa Paraguaia/Pantaneira e, por isso, a confeccionada com fio de algodão é a mais utilizada pelo trabalhador, uma vez que essa matéria prima garante uma Faixa mais dura, segura e resistente, ideal para “segurar” a coluna.

Na fala do interlocutor Aristides, podemos observar ainda a importância do seu uso:

uso a Faixa para apertar a cintura. Como eu trabalhava em fazenda, eu colocava o cinto. Colocava o revólver e colocava a faca e a cinta por cima. (Aristides Gomes de Arruda, 2021).

A Faixa Paraguaia/Pantaneira é considerada, pois, um instrumento de proteção, mas, para além disso, também é utilizada como suporte para carregar armas e outros instrumentos necessários à realização do trabalho.



Faixa na cintura do peão.
Fonte: Pantaneiro_Copyright

Stanley, 32 anos, aquidauanense, técnico do grupo Santana, em Rio Negro, afirma que usa a Faixa

(...) porque é um adereço sustentável e coloco para ficar confortável e colocar faca e bainha na cintura. Também é *um adereço que, desde o nascimento, está presente.* (Stanley, 2021).



Entrevistado Stanley

Outro entrevistado que comunga da mesma ideia é Pedro, 72 anos, peão, mirandense que mora em Campo Grande, afirmando que a Faixa serve de

apoio de segurar faca e para andar a cavalo, evitando sentir dores na coluna. (Pedro, 2021).



Sr. Pedro

Observa-se o seu uso de duas formas: a Faixa grossa, de um palmo de largura, para proteção da coluna, e a Faixa fina para passeios e vestimenta formal. Tal utilização perpassa a fala dos entrevistados, em especial, os da região do Pantanal de Corumbá. Um deles é o mestre Agápito, que afirmou:

Eu tenho duas faixas, quando eu vou na reunião do colégio e essas coisas, eu uso a outra [...]. Antigamente até os fazendeiros usavam Faixa, era Faixa fina e Faixa larga de trabalhar. A Faixa fina é só assim, só aperta a cintura, e a larga é um palmo de largura, ela protege toda sua coluna. Você pode abaixar, fazer força que sua coluna tá protegida. Você nunca sofre de hérnia, essas coisas (Agápito Manoel de Aquino, Gabi, 2021).

Ou seja, duas faixas de tamanhos e funções diferentes, nos fazendo perceber claramente a importância do uso da Faixa. A seguir, fotografia do mestre que foi entrevistado na Casa do Artesão em Corumbá.



Mestre Agápito Manoel de Aquino, Seu Gabi

De acordo com o mestre Agápito,
A Faixa fina é só para passeio (Agápito Manoel de Aquino,
Gabi, 2021).

Já o senhor Aristides Gomes de Arruda, morador do Pantanal, ex-peão da Fazenda Paraíso, na região da Nhecolândia, relata o seguinte:

Eu aprendi a usar a Faixa em fazenda; quando comecei a trabalhar, eu via todo mundo usar, os companheiros usavam e eles falavam: “Ah, você tem que usar a Faixa”. Porque todo mundo usava, aí a gente passou a usar. (Aristides Gomes de Arruda, 2021).



Seo Aristides Gomes de Arruda

Além dos passeios, é possível verificar seu uso em festas, conforme pontuou o entrevistado:

A Festa de São José era três dias e quem ia com a Faixa era elegante. Antigamente, o peão elegante tinha de usar faixa, bota campeira (Agápito Manoel de Aquino, Gabi, 2021).

Outra entrevistada, fazedora de Faixa Paraguaia/Pantaneira, a interlocutora Maria José, afirmou que:

A Faixa mais fina era só para enfeite. Eu comprava o novelo e fazia. Fazia em casa (Maria José de Aquino, 2021).

O interlocutor Matias também comungou da mesma ideia ao afirmar que:

Era um acessório de beleza, vai numa festa então comprava a Faixa, um acessório a mais. [...] Iam a festas típicas da região como São Sebastião. (Matias da Silva, 2021).

Duas artesãs relataram que, quando jovens, era comum verem as mulheres usarem na cintura uma Faixa mais fina, como se fosse um cinto. Dona Maria Jovelina relata:

nós fazíamos ela mais fina e amarrávamos na cintura, eu usava muito quando era moça, depois deixei de lado.

Dona Marvina Silva, artesã e ribeirinha nascida no Pantanal do Paiaguás, também relatou que na sua juventude usava a Faixa fina como se fosse um cinto:

nós mulheres usávamos a Faixa fina amarrada na cintura nos momentos de lazer e festas.

De acordo com ela, seus primos e irmãos também usavam a Faixa Pantaneira para o trabalho, mas era a Faixa mais grossa, a que apertava a cintura.



Mestre Matias da Silva

Com relação à Faixa industrializada, Matias afirma que:

Ela é feita em larga escala, já industrializada, não mais artesanal e é mais dura e esquenta a barriga. (Matias da Silva, 2021).



Ex- Chefe de Comitiva Pantaneira. seo José Renê

O entrevistado apontou que só deixou de usar Faixa depois de muito tempo:

Desde menino usava Faixa; larguei de usar a Faixa para usar um puxador que é de couro. Ela ajuda muito na proteção da gente. A gente usava para enfeite, mas era mais para proteção. (José Renê Bessa de Almeida, 2021).

O ex-chefe de comitiva relata ainda que era acostumado a percorrer longas distâncias conduzindo gado, inclusive saindo do Pantanal de Corumbá rumo as fazendas em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e a Faixa foi um acessório de trabalho que o acompanhou por muito tempo em sua vida, protegendo sua coluna durante as longas distâncias que percorria a cavalo.

Por outro lado, Ítalo Milha afirma que houve


diminuição da produção da Faixa artesanal e mais aquisição da Faixa industrial. A Faixa causa impacto no seu uso na cidade: se vou a Campo Grande, o pessoal fica olhando. É como se fosse o queijo de Minas, a linguiça de Maracaju. (Ítalo Milha Rodrigues de Almeida, 2021).

Em seu relato, observa-se a peculiaridade da vestimenta que, pelas suas especificidades, chama a atenção das pessoas, em especial na cidade, ambiente em que é pouco usada, sendo, no passado, praticamente desconhecida.

2.3 Um fazer transmitido entre gerações

Os relatos dos nossos interlocutores mostram que o modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira está presente no Pantanal há gerações e apresenta-se de forma plural: recebendo dois nomes, sendo realizada em dois tipos de teares, com matérias-primas diferentes – seja algodão ou linha industrializada, uma adaptação à modernidade pela falta de plantações de algodão atualmente – e, por fim, as formas como esse ofício foi aprendido pelas artesãs e artesãos também se apresenta de diferentes maneiras.

Identificamos na fala dos nossos interlocutores da região de Corumbá, que esse saber foi aprendido com um familiar: uma prima, mãe ou avó e, atualmente, identificamos o caso de uma artesã que repassou seu saber aos dois filhos, e que um deles é jovem e faz Faixas atualmente.



A artesã Dona Maria Jovelina, nascida no Pantanal do Paiaguás, mas atualmente moradora do Assentamento São Gabriel, em Corumbá, aprendeu aos 18 anos de idade com a mãe que, por sua vez, havia aprendido com sua avó. Ambas sabiam confeccionar redes e usar o tear no formato janela/vertical ou tendal. Durante muito tempo Dona Maria Jovelina confeccionou a Faixa para peões da região do Paiaguás, onde morava na época. Era a única que fazia naquela região, inclusive por encomenda para os moradores, e vendia expressivamente. Depois que casou, parou de confeccionar a Faixa devido à falta de tempo por conta dos afazeres domésticos. Mas viu a necessidade de ensinar outras pessoas, como sua prima, a artesã Maria José Silva da Costa Rodrigues que, na época, tinha 18 anos de idade. Dona Maria José relata que, depois que aprendeu a fazer a Faixa Pantaneira com a prima “Jove”, nunca mais parou:

Bom, eu aprendi com uma prima minha mais velha que eu, ‘Jove’, ela morava na fazenda perto da gente, aí eu morava com o meu pai e a gente trabalhava. Aí a Jovelina ia lá pra ensinar a gente fazer.

Dona Maria Jovelina afirma que na época tentou ensinar o modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira para outras pessoas na região do Paiaguás mas não obteve muito sucesso por acharem muito trabalhoso. Apesar das negativas, ela insistia, ressaltando as vantagens do aprendizado:

se você aprender a fazer a Faixa Pantaneira você vai poder usar e vender para ter um dinheiro, se não quer aprender quando precisar de uma vai ter que gastar para comprar.

Já a Dona Maria José relata que, após ter aprendido o ofício, precisou de um tear novo porque o seu quebrou. Havia se casado recentemente na época e seu marido deu um jeito de aprender a fazer tear vertical/janela:

Quando o meu tear quebrou, aí meu marido fez esse aqui pra mim. E até hoje eu faço Faixa nele. Acho que esse tear tem mais de trinta e poucos anos. E se precisar de outro tear hoje meu marido consegue fazer certinho.

Dona Maria José afirma que tem dois filhos que se interessaram em aprender. A filha de 26 anos é sua auxiliar, ela passa a linha no tear enquanto a mãe trabalha como empregada doméstica. Ao chegar em casa no final do dia, Maria José descansa e assiste televisão fazendo a Faixa:


minha filha adianta o serviço passando o tear; depois que eu chego eu mesma faço. Mas logo minha filha vai aprimorar o conhecimento e pegar o jeito.

Já o outro filho, de 32 anos, aprendeu a fazer a Faixa. Desde criança observava sua mãe tecendo no tear, mas foi há apenas cinco anos que decidiu começar efetivamente a fazer:

O meu filho mais velho faz. Se ele pega, ele passa a linha e na hora que eu chego do serviço ele já fez um monte de Faixa pra mim. Quando ele tá aqui de folga, ele tá de férias da fazenda, ele vem e vai fazendo pra mim. Ele tem 34 anos e tem 5 que ele começou a fazer. Ele interessou em fazer, porque não tava fazendo nada. Na hora que ele ficava olhando, ele falou: vou aprender também. E pegou e fez, rapidinho ele aprendeu.

Dona Maria José relata com orgulho que esse filho é gerente de uma fazenda na região do Pantanal do Paiaguás e que toma conta de tudo para o patrão, além de ser o responsável por anotar as encomendas de Faixa Pantaneira para ela, ligando para informar a quantidade quando recebe os pedidos. Após a confecção de todas as faixas pedidas, o despacho é feito nas freiteiras que circulam pelo Rio Paraguai rumo à região do Paiaguás.

Outra família que mantém esse ofício há gerações é a da Dona Maria José de Aquino. Nascida em Cuiabá, no Mato Gros-



so, mudou-se para a região do Paiaguás ainda jovem e aprendeu a confeccionar a Faixa Pantaneira/Paraguaia com sua avó, aos 12 anos de idade. Usava o tear janela/vertical para fazer as faixas e no mesmo tear fazia redes e tapetes. Maria José relata que na sua época não tinha linha industrializada e usava-se algodão plantado na roça que tinham em volta da casa; todo o processo de transformar o algodão em linha era manual:

a gente descaroçava o algodão, fiava ele na mão e enrolava formando novelos; minha avó que me ensinou a fazer isso tudo, mas depois que casei parei de fazer porque dava trabalho cuidar da casa.

A Dona Maria José de Aquino, de 78 anos, atualmente reside na área urbana de Corumbá, é mãe do mestre artesão Agápito Manoel de Aquino, de 66 anos, nascido na Fazenda Santo Antônio no Pantanal do Paiaguás, Corumbá. Foi ela e sua avó que lhe ensinaram o ofício de fazer a Faixa Pantaneira, redes e baixeiros. Atualmente o Seu Agápito é mestre artesão na Casa do Artesão em Corumbá, juntamente com o mestre Matias Silva; e também faz todo tipo de acessórios de montaria e de vestimentas em couro para peões pantaneiros. Também possui habilidade em trançar couro para fazer laços e construir arreios para montaria e demais peças em couro.

Outro mestre artesão que demonstra como esse saber foi repassado entre gerações é o Senhor Matias Silva, proprietário da Selaria Campo Verde sediada na Casa do Artesão, em Corumbá. Ele descreve todo o processo de fiação do algodão, enumera as espécies de árvores cujas cascas são usadas para o tingimento, as características do tear janela/vertical, enfim, todo processo de tecer a Faixa. Como nasceu e cresceu no Pantanal do Paiaguás, aprendeu variados ofícios com matérias-primas disponíveis no meio ambiente, do algodão ao couro bovino. Lembra que, quando criança, via sua avó tecer rede e Faixa Paraguaia/Pantaneira em casa:

naquela época todo mundo usava, inclusive eu quando trabalhava na fazenda. Nunca fiz a Faixa mas me lembro muito bem do processo de feitiço e se pegar um tear consigo fazer.

Ele concluiu demonstrando o interesse em retomar o feitiço da Faixa junto com seu primo Agápito Manoel de Aquino, que trabalha com ele na Selaria e que também sabe confeccionar a Faixa.

Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa, artesã de Aquidauana, relata que aprendeu a fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira em 2003, quando trabalhava na Fazenda da Dona Belkis Rondon.


Belkis deixou Tilma responsável em falar com as mulheres da região, de fazer as inscrições e de levá-las, se quisessem, para fazerem um dos cursos que estavam sendo oferecidos: Nutrição e Modo de Fazer a Faixa Paraguaia.

De início, Tilma não tinha interesse em aprender a fazer a Faixa e se inscreveu no outro curso. Mas um dia sua aula terminou mais cedo e ela resolveu acompanhar o da Faixa por curiosidade e, de cara, se apaixonou pelas cores e pela forma de fazer:

foi amor à primeira vista, nunca pensei que fosse gostar tanto e me realizar tanto fazendo uma Faixa Pantaneira; na verdade, mexendo com tear.

A artesã Tilma segue descrevendo como fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira mudou sua vida e de sua família, e de como esse artesanato ajudou outras mulheres a mudarem de vida assim como ela:

Mas, o que é muito bacana na minha vida é o que a Faixa Pantaneira desenvolveu na minha família; é espetacular, sabe por que? Eu tenho duas filhas, uma delas é minha sócia, inclusive! Ela aprendeu a fazer Faixa e hoje é minha companheira de tear e tece muito bem a Faixa Pantaneira. Outro pessoa que é tão importante quanto minha filha, é minha neta a Ana Laura, ela tem apenas 9 anos e quando chega aqui na minha casa, sempre tem tear montado, eu tenho 4 teares, e ela pergunta: Vovó posso bater um pouqui-



nho seu tear? Olha! é um doce, ela já faz as faixinha para o cabelo, quando ela quer, ela escolhe as cores, a gente monta o tear e como ela já sabe bater ela faz a faixinha para o cabelo dela e de uma amiguinha que ela ama de paixão. Isso pra mim não preço, hoje eu tenho uma filha e uma neta artesãs na família.

O relato da artesã Tilma demonstra que há 20 anos ela aprendeu a confeccionar a Faixa e já transmitiu para outras gerações dentro da família, garantindo que esse saber seja mantido. Além de auxiliar outras mulheres a mudarem de vida e aprenderem o modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira.

A mestre artesã Marli Ocampo, de Aquidauana, aprendeu ainda criança a fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira com sua avó. Faziam para vender e complementar a renda da casa. Ela acredita que sua avó aprendeu com o avô, que era paraguaio. Marli, enquanto pioneira em multiplicar esse saber, ensinando-o para mulheres do Pantanal e região, além da transmissão de seu conhecimento, desempenhou um papel social ao auxiliar outras mulheres no desenvolvimento de uma profissão. Algumas de suas alunas viraram artesãs e continuam trabalhando.

O caso da Marli demandou a criação de estratégias para enfrentar as barreiras e conseguir exercer sua profissão

era muito difícil, eu tinha uma criança pequena e precisava coragem para viajar. Eu nunca tinha dado aula e nem saído de casa para viajar tanto. Quando comecei com o projeto Sapicuá, fiquei com muitas perguntas na cabeça: Será que vou conseguir? Será que vai dar certo? Mas a partir da primeira viagem eu vi que era possível e tudo passou a ser diferente, aprendi a entrar e sair dos lugares com pessoas grandes ou pequenas.

Outra história de dedicação e transmissão desse saber dentro da família, é da Bruna Medeiros, filha da Claudia de Medeiros – gestora do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro, fundado em 2003. Bruna Medeiros nasceu em Campo Grande, é formada em Geo-

grafia pela UFMS - Campus Aquidauana e aprendeu a fazer a Faixa acompanhando os trabalhos da mãe em prol da salvaguarda do modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira nas fazendas da região:

o meu primeiro contato com a Faixa Paraguaia foi durante a infância. Minha mãe (Claudia de Medeiros) era uma pessoa que se encantava com a cultura pantaneira e desenvolvia projetos socioculturais na área. Eu a auxiliava eventualmente e, quando adolescente, tive a oportunidade de viajar para várias fazendas no Pantanal participando do Projeto Sapicuá Pantaneiro.

Atualmente, vejo a Faixa como importante elemento de empoderamento cultural. Digo isto pelas minhas experiências pessoais em torno da Faixa, que fortalecem a minha ligação com a região pantaneira.

Nas demais regiões pesquisadas, as artesãs e artesãos aprenderam por meio do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro, mas já conheciam a Faixa – através de algum familiar que a confeccionava ou por terem vivido na região do Pantanal e conhecido pessoas que usavam na lida do campo ou em momentos de lazer.

2.4 Inovação – novas formas de uso e a inserção na área do designer

Observa-se que a Faixa tem sido utilizada para referenciar a cultura fronteiriça no Brasil, a exemplo dos grupos de danças regionais que representam a cultura paraguaia, pois utilizam a Faixa para compor tanto o figurino feminino quanto o masculino. Nesse sentido, Luciana Bicudo, coordenadora e coreógrafa da Cia de Danza Guarani, salienta que

as mulheres não usam Faixa Paraguaia para dançar no Paraguai, é muito raro, porém no Brasil usa-se a Faixa destacando as cores do Paraguai como forma de identificação da cultura.

No Mato Grosso do Sul existem inúmeros grupos que repetem essa prática cultural, a exemplo da própria Cia de Danza Guarani, criada em 2011 com dançarinos brasileiros. O grupo difunde a cultura paraguaia levando-a a diversos municípios do Estado e também a eventos nacionais, como o Encontro Nacional dos Pontos de Cultura, na Teia Nacional da Diversidade. A Cia de Danza Guarani representou por sete anos a Associação Colônia Paraguaia de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul.



Cia de Danza Guarani

A Faixa como um bem artesanal é versátil. A partir de sua difusão, os novos artesãos inovam e criam produtos utilizando as referências dos saberes locais numa concepção contemporânea, até mesmo como forma de garantir a sustentabilidade da sua produção. Há um processo criativo envolvido na confecção dessas novas peças pelos artesãos que têm desenvolvido esse tipo de trabalho. Ao adornarem um acessório com a Faixa Paraguaia/Pantaneira, mesmo que apenas um pedaço da Faixa fique visível, a identificação é feita rapidamente por moradores locais.

Cecília de Almeida, artesã na região do Pantanal do Rio Negro, relata:

Para o primeiro uso, são os peões, o pessoal que trabalha na fazenda ou na cidade que gosta de usar na cintura como vestimenta, mas dentro da Faixa, nós conseguimos pensar em várias possibilidades para o uso dela.

Ressalta ainda que, em 17 anos de trabalho, além da Faixa

masculina e da feminina e das tiras de chapéu, gosta de criar novos produtos como, por exemplo, pulseiras, bolsas, trilhos de mesa, capas de agenda, dentre outros.



Produtos da artesã faixeira Cecília Almeida

A artesã Selma Brito, que reside em Rio Verde, destaca que:

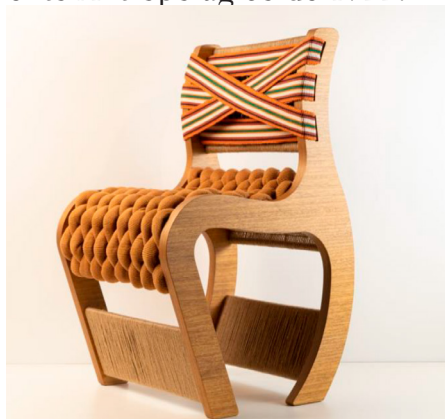
a partir da confecção da Faixa foram desenvolvidos novos produtos que ganharam o gosto, em particular, do público feminino, como bolsas, carteiras, customização de camisas e necessários, entre outros (...) A gente viu a oportunidade de agregar a Faixa nos nossos produtos. Então tinha de fazer essa mudança para que ficasse viável, bonito.



Selma Brito

Luciana Teixeira, arquiteta campo-grandense, ao incorporar ao design o item artesanal paraguaio e pantaneiro - para além de sua função principal, que é a de dar sustentação à coluna cervical dos peões no trabalho ou em momentos de lazer - através do projeto Raiz da Trama, transforma esta peça carregada de histórias,

memórias e paisagens, em destaque na Cadeira Pagu, uma homenagem à escritora, jornalista e militante política Patrícia Galvão, a musa do Movimento Antropofágico de 1922.



Cadeira personalizada. Foto: Luciana Teixeira



O Colar Acadêmico dos associados do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), foi concebido com base em elementos da cultura regional. Sendo assim, é confeccionado com a Faixa Pantaneira urdida com as cores da bandeira do estado – que aparece estilizada no símbolo da instituição aplicado sobre couro, com a estrela entalhada em osso representando a bovinocultura – dada a sua importância histórica e econômica. A Faixa representa a influência fronteiriça, especialmente da

cultura paraguaia, presente no cotidiano do sul-mato-grossense. O Colar foi criado pela artista plástica Sônia Alves Correa.

Capítulo 3

OS SABERES E A FIGURA FEMININA NO OFÍCIO


No imaginário popular, ao falarmos sobre trabalhadores do Pantanal, forma-se imediatamente uma imagem masculina, o homem pantaneiro, como se a mulher fosse uma figura ausente nesse vasto território, tão desafiador para os povos que nele habitam. Um fato observado em nossas pesquisas sobre as datas comemorativas implantadas pelo Poder Público nos municípios pantaneiros confirma essa realidade. Os eventos realizados em alusão ao Pantanal sempre fazem menção à figura masculina: “Dia do Homem Pantaneiro” ou “Dia do Pantaneiro”.

Débora Alves, em seu documentário “Peoa” (2019), descreve a vida de Mirelle Geller, chefe de comitiva, função até então ocupada exclusivamente por homens. Aos 4 anos de idade Mirelle já acompanhava seu pai, o Senhor Nelson Geller, nas comitivas. Aos 12 anos deixou a escola para se dedicar exclusivamente a elas. No documentário há vários relatos das estratégias adotadas por ela para sobreviver em um ambiente exclusivamente masculino.

São inúmeras as histórias de protagonismo e resistência de mulheres pantaneiras, indígenas e quilombolas que ocupam o Pantanal, mas que são esquecidas quando se fala nos povos que habitam esse bioma.

Algumas dessas mulheres, além dos afazeres da casa e cuidados com os filhos, se dedicam a atividades para completar a renda da família: agricultura, coleta de iscas vivas, pesca, culinária, artesanato, confecção de faixas, entre outras.

Dentro do campo da nossa pesquisa ouvimos vários relatos indicativos de que, antigamente, havia muitas mulheres nas beiras



dos rios que se dedicavam a fazer Faixa Paraguaia/Pantaneira, principalmente na região do Paiaguás.

Com o passar do tempo algumas mudaram para a cidade ou deixaram de fazer a Faixa por necessidade de se dedicarem a outras ocupações, como é o caso da Dona Maria Jovelina, de Corumbá:

depois que eu casei, eu parei de fazer a Faixa porque tinha que cuidar da casa e agora que moro sozinha porque fiquei viúva, tô pensando em voltar com os artesanatos.

O mesmo aconteceu com Dona Maria José de Aquino, do Pantanal do Paiaguás – Corumbá, que quando casou parou de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira:

cuidar da casa e dos filhos tomava meu tempo, daí eu parei de fazer a Faixa, também depois vim morar na cidade.

No que diz respeito aos saberes, vale destacar que essas mulheres que ocupam o vasto território pantaneiro são profundas conhecedoras do meio em que vivem e manejam os recursos naturais de forma adequada, garantindo sua conservação. São detentoras de saberes ancestrais sobre o uso de plantas e ervas para tratar doenças e muitas delas fazem do Pantanal a sua farmácia. Dominam saberes ligados à pesca e à coleta de iscas vivas, garantindo renda para a família; também fazem a leitura do chão, das águas, do vento, identificando as mudanças climáticas.

Com relação ao modo de fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira, observa-se que os ensinamentos foram passados de geração para geração, ou seja, consiste num conhecimento que envolve a rede familiar e o sustento ou complementação da renda da família.

Se, por um lado, no uso e apropriações da Faixa Paraguaia/Pantaneira, a figura feminina é rara, por outro, observa-se a sua predominância na confecção. Para elas, o acessório funciona mais como adereço sendo que, no Paraguai, está relacionado aos trajes típicos para danças e festividades locais. No Brasil o uso é perceptível

em grupos de danças que representam a cultura paraguaia.

Desse modo, é oportuno falar da trajetória de uma artesã do Projeto Sapicuá Pantaneiro, nominada Marli Ocampos Santos Silva, nascida em Aquidauana, em pleno Pantanal sul-mato-grossense.




Mestra-faixeira Marli Ocampos –
Pioneira nas oficinas do Sapicuá Pantaneiro

A artesã aprendeu, desde criança, a fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira com sua avó. Começou a produzir como forma de colaborar com as despesas de casa. Pelos relatos da artesã, é provável que sua avó tenha dominado a arte de confeccionar Faixa sob a influência de seu avô, de naturalidade paraguaia.

O homem, saía para conquistar o sustento da família, enquanto sua mulher ficava em casa tecendo com o auxílio de sua neta, Marli, que prestava seu auxílio na armação das linhas no tear. Aos 15 anos de idade, a jovem Marli passou a confeccionar suas próprias faixas, garantindo a sua renda e, ao longo do tempo, foi dominando a técnica e o saber de confeccionar a Faixa Paraguaia/Pantaneira com maestria e perfeição.

Além das faixas, Marli aprendeu a fazer tiras paraguaias que envolvem os vistosos chapéus de carandá e assim foi inovando, chegando a produzir pulseiras e marcadores de livro a partir da referência da Faixa.

Marli é apenas um dos exemplos de artesãs que confeccionam a Faixa e a fazem com zelo, dedicação e presteza. Mulheres



que encontraram no artesanato uma forma de inovar e sustentar suas famílias.

O caso da dona Maria José de Aquino, no Pantanal, demonstra a importância da difusão desse saber que caracteriza o modo de fazer um acessório de forma artesanal, acessório este que é tão importante na vida dos povos que habitam esse bioma. Um bem cultural que carrega um valor simbólico e uma função específica ligada ao trabalho, o de prevenir danos à saúde do peão pantaneiro.

Apesar de ser predominantemente produzida por mulheres, devido ao projeto Sapicuá Pantaneiro e oficinas ministradas, há homens atuando nesse ofício, como Antônio Carlos, de Rio Verde, anteriormente mencionado, que destacou:

Particularmente, eu faço as minhas faixas pantaneiras quando eu vou estudar. Vou fazendo e vou ouvindo música ou o que quero aprender. A Faixa para mim é uma terapia. (Antônio Carlos, 2022).

Além do artesanato ser considerado como lazer por alguns artesãos e artesãs, analisando a partir da perspectiva da inserção da mulher nesse contexto, é notório o papel social que o artesanato desempenha na vida delas; pois a partir da aquisição desse saber ligado ao universo da Faixa, a mulher passa a fazer do artesanato uma profissão, elevando sua autoestima.

E não podemos deixar de considerar a outra face dessa questão: é importante que a mulher tenha uma profissão, mas, ao conquistá-la, ainda tende a enfrentar as dificuldades que surgem no dia a dia durante o desempenho de suas funções, a exemplo de falas que desqualificam o seu trabalho ou questionam o valor cultural do que é feito por ela. Dificuldades em conciliar os cuidados com os filhos e o exercício do trabalho também são formas de silenciamento e subalternização.

No caso da Dona Francisca Fátima foi diferente. Ela nos conta que, a partir do aprendizado do modo de fazer a Faixa, passou a

ter mais uma profissão

Olha, para mim a Faixa representa uma coisa grande! Porque hoje eu sou ARTESÃ. Eu sou artesã, porque a partir do momento que levaram esse curso lá, hoje eu sou outra pessoa porque aprendi a fazer a Faixa, porque eu só trabalhava em casa e na fazenda, e a partir daí, hoje eu sou artesã faixeira!

Dona Fátima foi homenageada no SESC Balzaquianas, em 2010, pelo SESC Campo Grande, junto de outras mulheres que também confeccionavam a Faixa Paraguaia/Pantaneira e outras mulheres de destaque neste saber. Estiveram presentes as professoras Maria da Glória Sá Rosa, Idara Duncan e Delinha, celebrando a honra de estarem juntas com as Divas da cultura sul-mato-grossense. Para Dona Fátima foi uma emoção imensa receber esse reconhecimento na capital.



Homenageadas - SESC Balzaquianas

Dona Fátima relata que para conseguir chegar a Campo Grande – mesmo para participar de um evento muito importante para ela pessoalmente, e também de reconhecimento do trabalho que desenvolve em prol da difusão da Faixa Paraguaia/Pantaneira, desde 2003, como uma das primeiras alunas da artesã faixeira Marli Campo, do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro – não obteve auxílio e apoio em casa, dificultando sua chegada até a capital:

Eu encontrei uma família em um caminhão que tinha vindo trazer sal para uma fazenda, aí conversei com eles e pedi uma carona. Peguei minha neta e segui com eles até Aquidauana. De lá para Campo Grande eu já tinha como chegar e graças a Deus eu cheguei para receber a homenagem.

Ela menciona ainda que ter conquistado a carteirinha de artesã mudou sua vida porque, a partir dali, passou a ter uma profissão.



Na foto da esquerda a artesã Francisca Fátima (blusa branca) no início aprendendo a fazer a Faixa. Na foto da direita a Dona Francisca Fátima (blusa verde clara) segurando sua conquista, a carteira de artesã.

A propósito, Dona Jovelina do Pantanal do Paiaguás - Corumbá, recorda como se sentia em sua juventude, antes de se casar e trabalhava confeccionando Faixa Pantaneira para os trabalhadores da região do Pantanal do Paiaguás:

Eu me sentia poderosa onde eu morava, porque todo mundo me procurava para comprar a Faixa Pantaneira. Todo mundo que precisava comprava comigo, só eu fazia Faixa naquela região na minha juventude.

No caso de Marvina, que se tornou artesã há 5 anos e é moradora do Paraguai-Mirim, em Corumbá, o sentimento é de orgulho. Após anos de dedicação à coleta de iscas vivas, poder ter uma profissão que exige menos esforço físico e não é insalubre como a primeira, é uma grande conquista. A coleta de iscas vivas pode gerar diversos problemas de saúde nos trabalhadores, devido ao

tempo excessivo na água, debaixo de sol e frio, bem como o risco de ataque de pequenos animais que sobem junto com a tela utilizada para coletar a isca, como cobras, jacarés, dentre outros. É com emoção que ela exhibe sua carteirinha de artesã emitida pela Fundação Estadual de Cultura de Mato Grosso do Sul, e descreve a dificuldade e resiliência necessária para se dedicar em aprender a confeccionar a Faixa:

Quando teve o curso confesso que não aprendi direito mas foi por dificuldade minha. Como deram uma cartilha que ensina como fazer a Faixa Paraguaia/Pantaneira, meu marido lia para mim e ia explicando como eu tinha que fazer, aí ele foi aprendendo e me ensinando. Eu demorei um ano para aprender a fazer a Faixa sozinha, eu ia fazendo quando dava errado eu chamava ele que me explicava e eu desmanchava e fazia de novo. O dia que terminei uma Faixa sozinha fiquei muito emocionada, foi uma felicidade sem fim e eu pensava: agora eu aprendi.



Artesã Marvina – ribeirinha do Paraguai-Mirim exibindo sua carteira de artesã faixaeira



Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa e suas faixas

Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa é artesã faixeira há 20 anos. Começou através do incentivo da proprietária da fazenda onde trabalhava e da gestora do Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro. A partir daí decidiu compartilhar saberes e já repassou seu conhecimento a muitas mulheres, incentivando-as a seguirem essa profissão

As pessoas que eu tive oportunidade de ensinar sempre saíram daqui da minha casa com o seu tear. Eu quis fazer a mesma coisa que a Dona Belkis fez comigo, me dando um tear; então, eu dando um tear pra elas, elas também podem continuar. A mesma coisa que o projeto Sapicuá fez com a fazenda, a Dona Belkis fez comigo e hoje eu faço com as minhas artesãs, muitas já foram embora, mas foram sabendo tecer a Faixa como artesãs e os produtos são perfeitos. Eu pude compartilhar com elas o conhecimento que recebi, isso é muito bom, é muito gratificante.

A artesã destaca que através da Faixa pode conhecer muitas pessoas na fazenda onde trabalha e oferecer as mesmas oportunidades que teve, apenas com um tear e alguns novelos de linhas:

Eu pude ensiná-las, pude compartilhar com outras pessoas o que eu aprendi no Pantanal. Pude fazer o que o projeto Sa-

picuá fez por mim. Ensinei muitas mulheres e hoje elas têm uma renda familiar como eu tenho. Com a minha marca, “AF – Arte em Família”, eu tenho uma boa renda familiar. Desde que comecei a fazer a Faixa gostei de compartilhar com as pessoas ao meu redor. Na verdade, a minha família inteira me ajuda, a família inteira gosta. A minha filha mais nova é artesã e sócia, a minha neta se interessa em aprender e no final de semana quando a família se reúne na minha casa, inclusive meus pais. A minha mãe me ajuda a fazer bolinha e ela tem 87 anos, ela e minhas irmãs todas fazem as bolinhas e vira uma grande roda, uma pessoa batendo o tear e outras fazendo as bolinhas. A minha família compartilha isso comigo.

Por meio destes relatos observamos que as mulheres, ao longo dos municípios pantaneiros atendidos pelo Ponto de Cultura Sapicuá, criaram um movimento que incentivava outras mulheres a terem uma nova profissão. Foram rompendo de diversas maneiras silenciamentos que eram impostos a elas, e desenvolveram estratégias para superarem as dificuldades diárias e manterem essa prática cultural.

Hoje elas compõem uma Rede de Mulheres Faixeiras que atua em prol da valorização e difusão desse saber.



Capítulo 4

PRODUÇÃO

Para a confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira é necessário um bem material que está ligado ao universo da Faixa: o tear. Em nossas pesquisas de campo identificamos dois tipos de teares usados por diferentes grupos que habitam o Pantanal sul-mato-grossense. Destacamos que, dentro do Bioma Pantanal, há vários outros Pantanaís, com processos de ocupação diferenciados, realizados por diferentes grupos sociais e étnicos.

Os povos que habitam o Pantanal se territorializam de diferentes formas simbólicas e materiais neste vasto território, estabelecendo variadas formas de relações sociais e mantendo um processo contínuo de contatos e trocas culturais, há séculos.

Contudo, levando-se em consideração esses fatores e buscando entender os relatos coletados em nossas pesquisas de campo, encontramos o uso de duas formas de tear: o vertical (janela), de possível influência dos povos originários da região, e o tear horizontal com a influência do país vizinho, o Paraguai.

4.1 Tipos de teares

As máquinas de tear ocupam lugar importante ao longo da História, servindo para fabricar tecidos, malhas, tapetes e outros produtos. Desse modo, o tear manual é o instrumento necessário para a confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira que é feita de algodão.

No Paraguai, observamos os indígenas da etnia Guarani produzindo rede em um tear vertical, semelhante ao que Miró apontou em seu livro. A historiadora paraguaia defende que, antes do contato colonizador, os indígenas produziam suas redes e artefatos

artesanais em uma espécie de tear vertical, o que é possível verificar na Figura a seguir.



Indígena tecendo rede no tear vertical
Fonte: IBARS, 2017, p. 31

Atualmente, o tear vertical não prevalece no Paraguai, o que é possível observar na produção artesanal de Carapeguá. Nesse sentido, há uma pergunta sem resposta quanto ao fato de o tear horizontal ter se sobressaído em relação ao vertical.

Miró afirmou que:

o rústico tear vertical em sua época, para as culturas do Paleolítico e Neolítico, foi um grande avanço para a humanidade, pois com ele podia elaborar tecidos e móveis para satisfazer as distintas necessidades.¹²

Ou seja, antes da chegada do colonizador, a autora afirma que já havia outros teares para redes. No tear vertical, de acordo com Miró, são utilizadas, para o tecido, a urdidura e a trama com o sistema de nós e os desenhos vão sendo elaborados.¹³

Entretanto, o contato com o colonizador – no caso do Paraguai, o espanhol – acarretou mudanças na forma de produção ar-

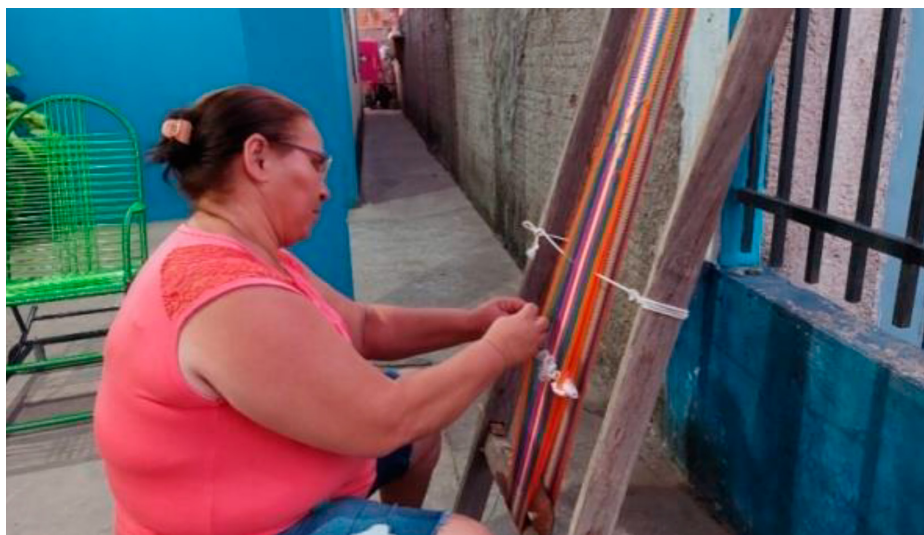
12. (IBARS, 2017, p. 70).

13. (IBARS, 2017).

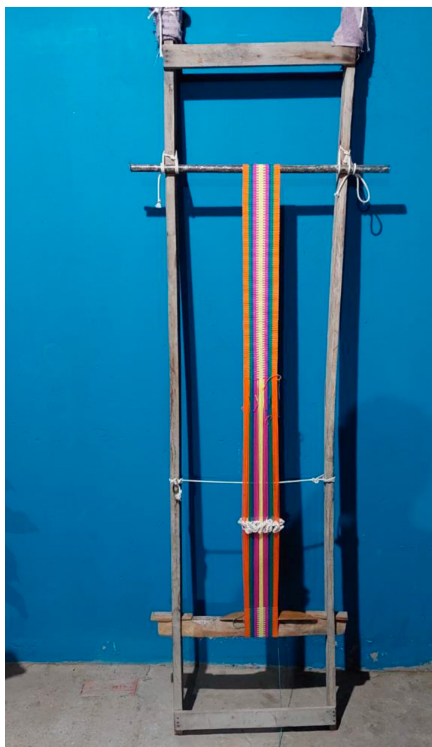
tesanal. Tais mudanças estariam relacionadas à tecnologia do tecer que não era vertical, mas sim horizontal.

O tear horizontal foi trazido pelos espanhóis para o Paraguai e, de certo modo, influenciou a forma de produzir artesanato.

Os artesãos entrevistados em Corumbá, oriundos do Pantanal no Paiaguás e na Nhecolândia, afirmaram usar o tear vertical para a confecção da Faixa Pantaneira. É o caso da artesã Maria José, nascida em Albuquerque, que viveu com seus pais no Pantanal do Paiaguás e aprendeu a fazer a Faixa aos 18 anos de idade, com uma prima que também residia no Pantanal do Paiaguás. Desde que aprendeu, nunca deixou de fazer a Faixa Pantaneira. Atualmente, dona Maria José reside na cidade de Corumbá e trabalha como empregada doméstica, mas à noite, em seu momento de descanso, costuma fazer a Faixa.



Artesã Maria José confeccionando uma Faixa Paraguaia/Pantaneira.



Tear janela (ou tendal) confeccionado há 30 anos –
pertence à artesã Maria José-Corumbá-MS



Modelo de tear horizontal utilizado no Paraguai
Fonte: IBARS, 2017.



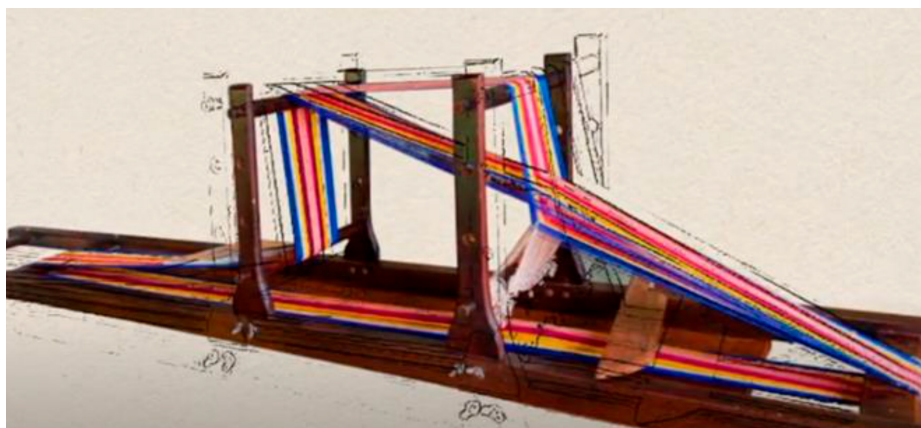
Modelo de tear horizontal, difundido pelo projeto Sapicuá Pantaneiro

O tear utilizado no Pantanal como referência para a confecção das faixas será o tear horizontal, difundido pelo projeto Sapicuá Pantaneiro. É importante ressaltar que em 2003, na busca por uma instrutora para as ações de salvaguarda e educação patrimonial propostas pelo projeto, dona Marli Ocampos foi uma das raras artesãs mapeadas com conhecimento e domínio da técnica artesanal de tecer a Faixa Paraguaia/Pantaneira utilizando o tear horizontal presente no Pantanal.

Conhecimento esse mantido na família e transmitido por gerações.

Dona Marli nasceu na cidade de Aquidauana e foi criada pela avó, que era de origem paraguaia. Seus avós trabalhavam em fazendas na região do Pantanal.

Sua avó era faixeira e produzia as faixas para os peões. Ainda criança aprendeu a fazer a Faixa Paraguaia para ajudar a avó. Marli cresceu aprendendo o ofício e manteve a prática da confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira, que é um dos elementos singulares na composição da vestimenta do peão pantaneiro.



Modelo de tear horizontal, difundido pelo projeto Sapicuá Pantaneiro

4.2 A utilização da lã e do algodão

O algodão, uma das fibras têxteis mais importantes, é nativo da América, África Central, Península Arábica e Paquistão.

Ao tratar de Faixa Paraguaia/Pantaneira na cultura indígena americana, estamos partindo da referência do uso do algodão como matéria-prima. Nesse sentido, as redes e outros materiais e artefatos eram produzidos pelos indígenas a partir do algodão.

Na América, foram encontrados vestígios no litoral norte do Peru que evidenciaram o uso do algodão por aqueles povos, dentre eles, os incas. Foram eles que adicionaram “requisite” ao artesanato têxtil, uma vez que é possível perceber a perfeição e a harmonia das cores utilizadas.

No Brasil, sabe-se que os indígenas já detinham a arte de processamento do algodão e, assim que os colonos chegaram, passaram a cultivá-lo também.

Cumprir destacar que viajantes relataram o uso do algodão por indígenas que dominavam a técnica do fiar e do tecer na produção de redes usadas como cama. Em seus relatos, observam-se fios ou novelos de algodão como elemento de troca com os europeus.

Além do uso do algodão para o artesanato, observou-se a utilização do seu caroço para fazer mingau e das suas folhas para o tratamento de ferimentos e outros problemas relacionados à pele.

Nesse sentido, para a produção da Faixa Paraguaia/Pantaneira era, e ainda é utilizado o algodão, porque o mesmo fornece um material firme e seguro, com o objetivo de sustentar e proteger a coluna vertebral dos que lidam.

No Brasil, essas formas foram herdadas dos indígenas pelos colonizadores, e no período colonial elas desempenharam importante papel na vida do povo.¹⁴



Algodão produzido em cultura de subsistência
Fonte: NEVES, 1968, p. 441.

Um dos instrumentos utilizados para a tecelagem do algodão ao longo da história é a roca, como se pode observar no modelo antigo a seguir.

14. (NEVES, 1968, p. 440).



Roca de tecer algodão.
Fonte: Museus Ibram

Nossos entrevistados na região de Corumbá citaram o uso do algodão nas fazendas do Pantanal para confecção da Faixa. Na região, havia plantação de algodão e o processo de fiar para transformá-lo em linha era feito manualmente. À medida que a linha ia se formando, era enrolada em uma varinha de madeira tomando forma de novelo para, depois disso, ser passada no tear, iniciando-se o processo do feitiço da Faixa.

4.3 Preparo do algodão e processo de tingimento do algodão

O algodão é nativo da América.

Quando os europeus entraram em contato com os povos americanos, passaram também a utilizá-lo, uma vez que conferia maior firmeza aos produtos. O colonizador, ao observar o potencial do algodão (do árabe *al-qutun*) resolveu cultivar a fibra esbranquiçada, também, para exportação.

No Brasil, o algodão alcançou papel importante como parte do ciclo econômico entre os séculos XVIII e XIX, quando houve o declínio do ouro e a expansão da cafeicultura. Foi, portanto, um dos primeiros produtos de exportação brasileira.

Podemos afirmar que a principal matéria-prima utilizada para confeccionar a Faixa Paraguaia/Pantaneira é o algodão, de onde se extrai a linha necessária. Embora exista o processo industrializado, tudo é feito de forma manual. Nesse sentido, a interlocutora Maria José nos contou sobre o tipo de linha que usava na produção de suas peças de Faixa Paraguaia/Pantaneira:

O tear tem a madeira em cima e embaixo e aí a gente passava a linha. Eu usava linha de algodão. (Maria José de Aquino, 2021).

A respeito do processo de colheita e tratamento do algodão, o seu filho, Agápito, interlocutor deste livro, assim se pronunciou:

O fio era de algodão, que nós mesmo fazíamos, que [a gente] não comprava fio. Era feito de algodão e para tingir era com casca de madeira. (Agápito Manoel de Aquino, 2021).



A artesã Jovelina, atualmente residente no Assentamento São Gabriel, em Corumbá, demonstrando como fiar o algodão com as mãos.

O processo de tingimento do fio para o tear é feito com material extraído de casca de árvores, consoante afirmou o entrevistado Matias:

algumas árvores nativas possuem na casca uma coloração forte e que não sai, tipo Jatobá, Angico e Canjiqueira. A partir do momento que a casca vai na água, ela solta a tinta e você coloca a linha dentro dela [...]. (Matias da Silva, 2021).


Já o mestre artesão Agápito Manoel de Aquino, de Corumbá, relata que além do processo de transformar o algodão em fio para ser tecido no tear, tinha que fazer o tingimento também artesanalmente:

usamos a casca da madeira para tingir o algodão. Por exemplo: do Paratudo sai a cor amarela e da Canjiqueira, a cor vermelha, assim a gente ia testando as cascas das árvores e vendo qual cor de tinta ela soltava para a gente poder tingir o algodão, tudo isso minha avó sabia e ensinava.

Tais fatos demonstram claramente como os habitantes da região possuem saberes e práticas vinculadas ao território em que estão inseridos e como, no cotidiano, buscam formas de se adaptarem, sobreviverem e se apropriarem de um determinado espaço, mantendo-se em contínuo processo de territorialização.

4.4 Escolha das cores para confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira

Famílias que residem em cidades interioranas têm como inspiração a paisagem pela qual estão rodeadas. Se tratando de Mato Grosso do Sul, estado que abriga o Pantanal, nada mais natural do que serem influenciadas pelo seu Bioma no processo de confeccionar a Faixa. O resultado é um produto multicolorido, simbolizando a nossa natureza e a exuberância da fauna e flora pantaneiras.



Os povos que habitam o Pantanal são exímios conhecedores deste Bioma, fazem a leitura do tempo, do chão, das águas, conhecem a flora e seus usos, e a fauna. Eles detêm um universo de saberes que não são encontrados em livros e não estão dentro dos espaços das universidades e do ensino formal, mas também são conhecimentos valiosos, saberes tradicionais.

Algumas artesãs, por exemplo, se inspiram na cor vermelha do caraguatá, no amarelo do ypê, no azul-cinza ou azul-claro do céu, no verde das matas, nas cores terrosas da capivara, da anta, do veado campeiro ou do tuiuiú, uma das aves-símbolo do Pantanal, exuberante em sua coloração branca, preta e vermelha.

A exemplo da artesã faixeira Francisca Fátima, que há 19 anos faz Faixa Paraguaia/Pantaneira, a escolha das cores está ligada à natureza:

eu observo os pássaros. Eu gosto do beija-flor, gosto de todos né mas o beija-flor tem assim uma cor... aquelas penas brilha, é muito lindo, tem arara azul, azul e amarelo são muito lindos.

Mas também, como fazem sob encomenda a gosto do cliente, podem utilizar cores de times de futebol, de escolas de samba, de bandeiras, enfim, são infinitas possibilidades.

A propósito, Antônio Carlos frisou que:

as cores influenciam no estado de espírito das pessoas. Eu, particularmente, faço as faixas dependendo do estado de espírito da pessoa. Quando ela me pede um tipo de Faixa, eu peço para ela contar um pouco da história dela e identifico se ela gosta de cores mais vibrantes. Ou seja, é preciso sensibilidade para identificar o que a pessoa precisa. (Antônio Carlos, 2022).

Partindo desse pressuposto, para a confecção da Faixa Paraguaia/Pantaneira é importante que o artesão ouça e entenda a identidade e os sentimentos de quem a encomenda.

Na figura a seguir, é possível observar a variedade de cores utilizadas para sua produção.



Jogo Americano – Cecília Almeida



Faixa Paraguaia/Pantaneira – Antônio Carlos

No que concerne às cores, o entrevistado Antônio Carlos assim se expressou:

cada Faixa, no meu ponto de vista, tem um sentimento, é feita para algo ou para alguém. As minhas faixas, por exemplo, são coloridas, eu gosto de coisas alegres. Então, eu acredito que todas as faixas têm um sentido: uma Faixa para um baile, uma Faixa para ocasião de trabalho. (Antônio Carlos, 2022).

Outra forma de escolha das cores é combinar tons que ornamento entre si, como explicado por dona Seila, artesã faixeira de Aquidauana:

Quando eu vou montar uma Faixa ou montar o porta papel, eu o sento perto das minhas escolho as linhas que vão combinar ou não vão combinar, aí que eu vou montar elas, eu não vou diretamente nas linhas, pega as linhas e já vou montando, eu escolho bem as cores da linha para mim poder montar as faixas. (Seila Gomes Ferreira, 2021)

A artesã faixeira Maria Aparecida, de Aquidauana, também escolhe as cores conforme a combinação que lhe agrada ou que agrada o cliente na hora da encomenda:

tem as cores né aí a gente pega umas cores acha bonita escolhe né, aí bate com aquela cor é aquela cor ou o cliente pede as cores que ele quer.

Para Dona Izaura, artesã faixeira de Nioaque, a confecção de uma Faixa leva de 3 a 4 dias e, no início do processo, precisa escolher as cores. Tal escolha se dá da seguinte forma:

tem uns que pedem a cor, outros já não pedem, quando é assim eu mesma vou colocando as cores, combinando ali do jeito que eu acho que fica mais bonito.

Os entrevistados destacam que confeccionam faixas bem coloridas buscando harmonia na combinação de cores, inspiração na natureza, ou a ideia inesperada que surge naquele momento de criação. Todos concordam que a Faixa não pode ser sem cores, neutra ou branca

O relato do Mestre artesão Agápito Manoel indica um ponto de semelhança sobre a necessidade de cores apontado entre os faixeiros de diferentes municípios pantaneiros:

a Faixa precisa ser colorida desde que minha mãe fazia, a gente precisava tingir o algodão com casca de árvores crian-

do cores para cada linha de algodão porque ninguém queria a Faixa branca de algodão cru.

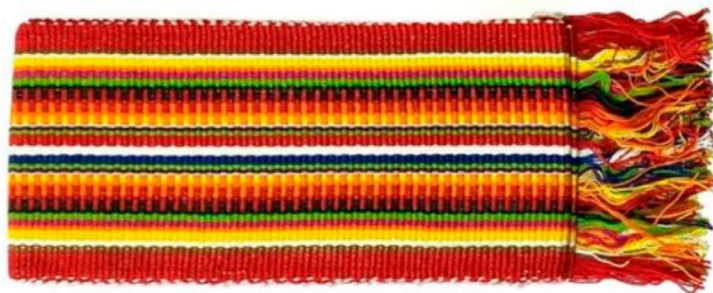
4.5 Faixa de tear manual x Faixa industrializada

A Faixa industrializada é produção, já quando passa pela mão do artesão é uma produção com sentimento. Você vai personalizar a Faixa, você vai comprar aquilo que não vai ser igual à da maioria. (Antônio Carlos, 2022).


Existem dois tipos de confecção da Faixa: a artesanal, feita com tear manual e a industrializada, produzida com máquinas. As duas formas são comercializadas e adquiridas por peões do Pantanal e por qualquer outra pessoa que tenha interesse no uso da Faixa Paraguaia/Pantaneira, tanto para proteção da coluna vertebral quanto para adereço.

A diferença das faixas diz respeito à feitura e à qualidade delas. Desse modo, pode-se afirmar que a industrializada possui qualidade inferior em virtude da linha utilizada na sua confecção, além do padrão comum da produção em série. Por outro lado, a Faixa feita no tear manual é personalizada, atendendo a solicitação de quem a encomenda.

No Mercado Livre é possível encontrar Faixas Pantaneiras vendidas sob a alcunha de Faixas Paraguaias, o que é possível verificar na imagem a seguir.



Faixa Paraguaia industrializada comercializada pelo Mercado Livre
Fonte: Mercado livre



A imagem demonstra uma Faixa de 12cm x 2,20m, conforme a descrição, e aponta o acabamento da Faixa Paraguaia/Pantaneira, que é feito de forma diferente da Faixa produzida artesanalmente. Ademais, há um vídeo de propaganda ensinando como se usa a Faixa Boiadeira.

O mestre Matias Silva diz que há diferença nas faixas industrializadas que são vendidas em casas de equipamentos e acessórios para o homem do campo. Segundo ele:

a Faixa industrializada tem a linha mais dura, não firma bem na cintura, logo ela solta, além de esquentar e em alguns casos assa a pele porque a linha é dura, não é confortável para o pé.

Capítulo 5

MODO DE FAZER E TECER A FAIXA NO PANTANAL

O modo de fazer e tecer a Faixa Paraguaia no Pantanal inclui técnicas tradicionais no processo de montagem e tecelagem praticado na região. Tanto a faixa quanto o tear utilizado trazem características marcantes da cultura paraguaia, introduzida no início do século XX pelos imigrantes, mão de obra utilizada nas fazendas do Pantanal. Essa técnica quase foi esquecida e, por ser pouco praticada, sofreu risco de extinção por ausência de sua transmissão.

Com intuito de promover o acesso a esse bem imaterial, em 2006 foi elaborado o livro *Oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro*, cujo capítulo Faixa Paraguaia foi o primeiro registro elaborado e difundido gratuitamente, principalmente na região do pantanal.

No esforço de fortalecer as ações de salvaguarda e a transmissão dos saberes tradicionais que compõe a Faixa Paraguaia, em 2022 foi lançada a seguinte série de vídeo aula: FAIXA PARAGUAIA – TECENDO NOSSA HISTÓRIA – disponível gratuitamente no site do www.faixaparaguaia.com.br ou www.faixa-pantaneira.com.br também em nosso canal do YouTube no link: <https://www.youtube.com/@faixaparaguaia2709>.

Aponte o seu celular para o QR Code abaixo e veja o vídeo.



Aproveite a oportunidade e mãos à obra!

5.1 Material necessário:

1. Linha de algodão, 100% mercerizado, de várias cores
2. Cordão ou barbante n.2 ou n. 4 de 100% algodão
3. Carretel 1.200m
4. Tesoura
5. Facão (Machete¹⁵) de 44 cm todo de madeira (deve estar bem liso para não estragar a linha)
6. Mesa de madeira para apoiar o tear
7. Fita métrica
8. Tear

Para confeccionar a Faixa Paraguaia, a principal matéria-prima é a linha de algodão. No passado era preparada artesanalmente, desde a colheita até o tingimento. Hoje esse processo não é mais utilizado, principalmente pela facilidade de acesso às linhas industrializadas, 100% algodão, disponíveis no mercado. Na figura a seguir, linhas de algodão coloridas e barbante branco. Importante frisar que a mudança das linhas não impactou o processo de tecelagem, mantendo as mesmas características no modo de tecer a Faixa



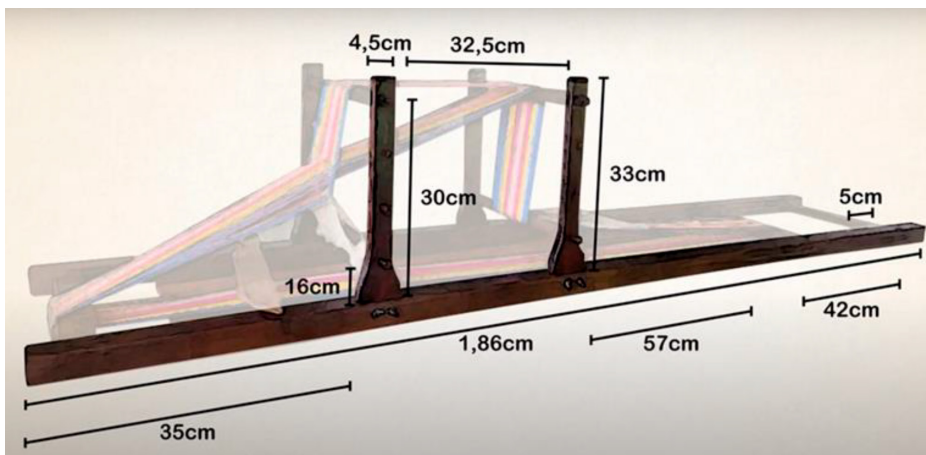
Facão (Machete¹⁶) de 44 cm todo de madeira (deve estar bem liso para não estragar a linha)

15. Sabre de dois gumes, reto e curto, us. pelos artilheiros/Faca grande.

16. Espécie de facão/ Faca grande.

5.2 Tear Manual tradicional encontrado e difundido na região do Pantanal

Para se ter um bom tear é necessário seguir as medidas abaixo. A madeira deve ser leve, resistente e com bom acabamento para que não haja atrito entre a linha e a madeira.



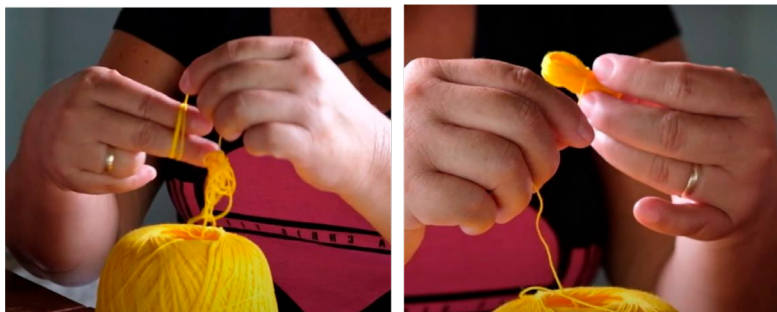
Medidas do tear

Fase 1: Preparo da linha

O primeiro momento é o de confeccionar bolinhas com a linha de algodão, que deve ser de qualidade para que a faixa dure bastante; o ideal é começar a enrolar nos dedos e, quando estes ficarem cobertos, tirá-las e enrolá-las em forma de gravata borboleta, conforme observa-se a seguir:



Bolinhas com a linha de algodão



Bolinhas finalizadas com a linha de algodão

Fase 2: Preparo do barbante no tear

O Barbante será utilizado para trançar e criar o tecido da faixa, passando entre uma linha e outra. Para facilitar a passada do barbante entre as linhas preparamos um suporte de madeira, ou de papelão grosso, para transferir o barbante em quantidade suficiente para realizar a trama.



Preparo do barbante



Preparo do barbante enrolado

Fase 3: Amarração do barbante no tear:

Será necessária a amarração de 160 linhas, todas iguais, de 27 a 30cm, no tear, conforme foto. Isto se faz necessário para passar as linhas por dentro de cada uma. Este processo definirá também a largura da faixa.



A seguir, apresentamos a preparação do barbante para que todos os pedaços fiquem do mesmo tamanho, cuidado necessário para que a trama seja perfeita.

Usamos a capinha de um CD como suporte para facilitar a medida e cortar os barbantes do mesmo tamanho, em 160 tiras, e são essas tiras que determinarão a largura da faixa. Após enrolar o barbante na capa do CD, deve-se cortá-lo com tesoura.



Preparando a medida das tiras para amarração do barbante.



Como fica o barbante cortado



Amarração do barbante no tear

Amarrar os 160 barbantes, tira por tira, pois cada um servirá para a passada de linha, ou seja, quanto mais barbantes amarrados, mais larga será a faixa (em média com 12cm). Pode-se também utilizar menos passadas em sua confecção, porém, a faixa ficará mais fina



Amarração medindo a altura do barbante

Deve-se cuidar para que a altura da amarração do barbante fique no mesmo nível.

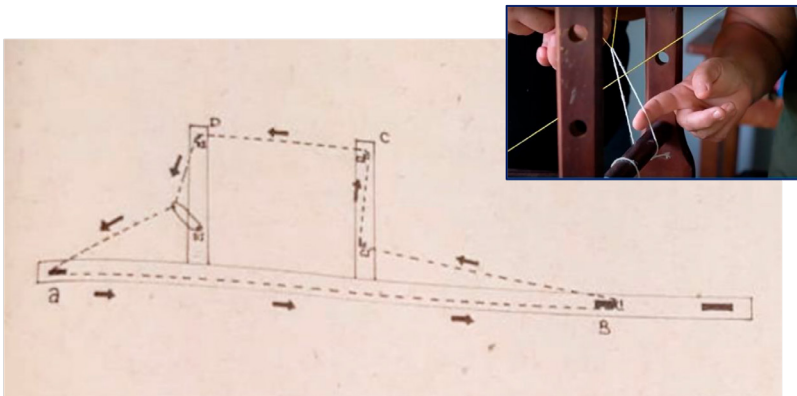
Fase 4: Amarração da linha no tear



Atenção à altura da amarração do barbante, conferir se estão todas iguais

Fase 5: Montagem da linha

Deve-se fazer o repasse da linha considerando os pontos na figura a seguir:



Montagem das linhas no tear Fonte: Livro Sapicuá Pantaneiro

Desse modo, o processo de passada da linha pelo tear corresponde à seguinte sequência:

- a. Passa-se a linha na madeira A, depois estica-se e passa por baixo da madeira C e D até ultrapassar, por baixo, a madeira B.
- b. Feito isso, passa-se a linha por cima da madeira B voltando por baixo e encontrando a madeira CI.
- c. Após, deve-se levar a linha até a madeira C2 e esticar até a madeira A, que deve ser passada entre a D1 e D2.
- d. Da madeira A, estica-se a linha por baixo da madeira C e D até ultrapassar, por baixo, a madeira B.
- e. A linha deve ser passada por cima da madeira B, voltando por baixo até a madeira CI.
- f. Passar a linha por baixo da madeira CI e levar por trás até a madeira C2.

Observação: A cada passada a linha entra em contato com um único cordão, pois a passagem por dois cordões, ao mesmo tempo, resultará numa faixa mal assentada na hora de tecer com o facão de madeira.

Sequência de montagem da linha a seguir:

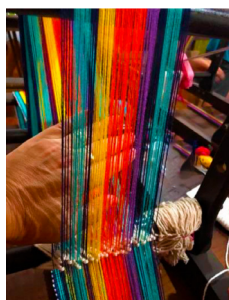




Exemplo: Caso o objetivo seja uma coloração mais acentuada, na cor amarela, por exemplo, são necessárias 30 passadas para que a cor desejada ganhe destaque.

Fase 6: Tecelagem

Após a amarração, a Faixa fica conforme a figura a seguir, preparada para o início da tecelagem.

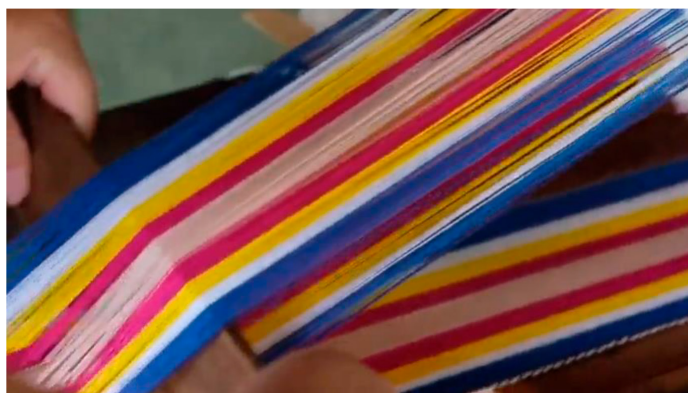


Sequência do processo da tecelagem:



Tecendo a faixa

A feitura da trança, mais grossa ou fina, depende do gosto do artesão e do cliente. De cada trança das extremidades, normalmente, são feitas 12 tranças de três tiras.



É preciso fazer o movimento com o machete para soltar a linha da Faixa.

Conforme a batida da artesã ou artesão, a Faixa fica mais firme ou mais frouxa.



A batida certa do machete na Faixa

Fase 7: Retirada da Faixa do tear

Corte dos barbantes e da Faixa:



Cuidados na retirada da Faixa Paraguaia do tear



Retirada da Faixa do tear

Fase 8: Acabamento



Acabamento da Faixa

A feitura da trança, mais grossa ou fina, depende do gosto do artesão e do cliente. A partir de cada trança nas extremidades, normalmente são feitas 12 tranças de três tiras.



Feitura da trança na faixa

Capítulo 6

ARTESÃS E ARTESÃOS DO PANTANAL

Produzir a Faixa Paraguaia/Pantaneira é uma arte, arte das faixeiras e faixeiros das cidades de Aquidauana, Bodoquena, Corumbá, Coxim, Ladário, Miranda, Porto Murtinho e Rio Verde de MT, no Estado de Mato Grosso do Sul

O resultado das oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro revelou os nomes das mestras artesãs: Marli O. Campos, Maria Aparecida Amorim, Cecília da Silva Almeida, Carla Duarte, Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa e outras.

Maria Aparecida Amorim, moradora de Aquidauana, começou a confeccionar a Faixa no Projeto Sapicuá Pantaneiro, no ano de 2013, e hoje é uma exímia instrutora de produção da Faixa Paraguaia/Pantaneira.



Faixeira Maria Aparecida Amorim

Eu dou aula e ensino outras mulheres a fazerem a Faixa, eu faço três Faixas Pantaneiras em um dia, é puxado mas

faço. Já dei aula nas cidades de Rio Verde e Corumbá. Faço as minhas faixas para vender individualmente e mantenho um estoque de faixas em casa porque vendo geralmente para trabalhadores de fazendas, mas vendo na cidade também. Vender as faixas não é a minha principal fonte de renda, o que ganho complementa a renda de casa. Fazer a Faixa Pantaneira é muito importante para mim, é meu trabalho e gosto dele.



Artesã Cecília da Silva Almeida

Sou Cecília da Silva Almeida, artesã faixeira há 17 anos. Aprendi no Ponto de Cultura Sapicuí Pantaneiro. Também trabalho com serviços gerais e moro numa fazenda. Depois que a gente aprende e melhora a qualidade, a gente já pensa em vender. Na maioria o meu produto está disponível nas pousadas da região do Pantanal para turista que vem visitar o nosso Pantanal e também para os vizinhos, os peões que querem comprar. Não crio estoque porque sempre que a gente vai produzindo a gente já vai vendendo; e isso é muito bom.

Eu fiz faixas para a novela Pantanal. Quando a Claudia de Medeiros nos procurou para passar as encomendas eu fiz e passei para várias artesãs também fazerem as faixas que foram usadas pelos peões na novela e outros trabalhos que surgiram dentro desse contexto: pulseira, Faixa, faixinha feminina e foi bem legal.

Então quando eu recebi uma mensagem da Marie que é da

Globo, ela que encomendou uma faixinha que a Dira Paes, a Filó da novela, ia usar no casamento, ela mandou as cores que teriam que ser idênticas às do vestido, eu fiz e dei um jeito de mandar porque a pessoa não tava mais aqui. Ficou muito legal porque ela usou, ficou lindo no final da novela. Hoje a Faixa Paraguaia/Pantaneira representa muito para mim, sou artesã e gosto muito de trabalhar nas minhas horas vagas com trabalhos manuais, tudo que envolve trabalhos manuais eu gosto e a Faixa é minha principal renda.



Artesã Arlete dos Santos

Arlete dos Santos, 51 anos, nascida em Nioaque e residente em Aquidauana, é profissional do lar e faixeira.

Comecei a fazer a Faixa no projeto Sapicuá. Foi meu primeiro contato com a Faixa. Hoje demoro umas duas horas para fazer uma Faixa, todos meus filhos já aprenderam a fazer a Faixa. Gosto de fazer a Faixa em grupo, anima mais a gente. A Faixa Paraguaia/Pantaneira hoje é minha renda fixa, eu vendo para as fazendas tenho um pouco de Faixa estocada em casa.



Artesã Izaura da Costa Moura

Izaura da Costa Moura, artesã, neta de paraguaia com gaúcho, conhece a Faixa desde a infância, pois seu pai usava, mas só aprendeu a fazê-la quando já era adulta.

Aprendi a fazer a Faixa Pantaneira no Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro em 2018. Levo de 3 a 4 dias para fazer uma Faixa pois como teço aqui em casa, toda hora tenho que parar pois chega gente. Faço a Faixa Pantaneira para vender, geralmente para os companheiros de fazenda do meu marido, do meu guri e do meu genro que trabalha em fazenda também. As vezes tem gente aqui da cidade que trabalha como servente, que faz força com na coluna e compra também. Hoje eu faço a Faixa individualmente em casa, mas tem 3 artesãs que moram aqui perto que também sabem fazer. Minha neta está doida para aprender a fazer a Faixa que nem a avó.



Artesã Seila Gomes Ferreira

Seila Gomes Ferreira, 53 anos, nascida em Aquidauana, é dona de casa e atuou como salgadeira.

Aprendi a fazer a Faixa com a professora artesã Cecília pelo Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro, tem uns 5 anos que faço a Faixa. Quem me ensinou foi a Cecília, eu levava meu filho na escola aí eu ia lá para a fazenda onde ela mora e passava o dia para ela me ensinar. Aí quando não dava tempo para eu aprender tudo no dia, quando fosse um final de semana ela ia na fazenda do lado da Fazenda onde eu morava, ela levava o tear dela e ela acabava de me ensinar. Depois, quando eu comecei a fazer em casa e não sabia como fazer os detalhes, eu ligava para ela que me ensinava por telefone. Foi assim que eu aprendi a fazer as faixas, os detalhes... aprendi tudo por telefone, uma tarde eu gastei o crédito todinho do meu telefone aprendendo a fazer essa Faixa mas aprendi.

Eu faço a Faixa junto com mais duas artesãs, com a Cecília e com a Maria que são funcionárias de outras fazendas. Não tenho estoque aqui em casa, é porque aí eu mando para a escola do Vale do Rio Negro e mando para o Hotel lá onde eu moro no Barranco Alto, então as faixas que eu vou fazendo eu vou mandando e é difícil eu ter estoque em casa. A Faixa é minha principal fonte de renda.



Artesã Celina Queiroz

Celina Queiroz, indígena, nascida na aldeia Ypeguê. O pai ,Antônio Queiroz, era de Bela Vista (Paraguai) e a mãe indígena. Vieram para Aquidauana com os filhos ainda crianças. Celina produz suas faixas por encomenda no Bairro onde mora, o Nova Aquidauana.

A minha mãe fazia Faixa e eu aprendi com ela. Depois eu esqueci e vim aprender aqui com elas (no Sapicuá). Depois que aprendi teve um tempo que eu fazia com outras artesãs do Sapicuá Pantaneiro e agora eu faço sozinha em casa, faço por encomenda para as fazendas daqui da região. Eu gosto de fazer Faixa, é uma terapia e também é uma fonte de renda, o povo não pega a gente pra trabalhar, daí tem que produzir pra ganhar um dinheirinho.



Artesã Eusébia Alvarenga de Torres

Eusébia Alvarenga de Torres, 63 anos, nasceu em Conceição, no Paraguai. Em 1982 veio para Aquidauana, onde trabalhou grande parte do tempo como doméstica. É mãe de 5 filhos, tem 18 netos e 5 bisnetos e produz Faixa Pantaneira por encomenda no bairro Nova Aquidauana, onde reside atualmente.

Conheci a Faixa Paraguaia no Paraguai mas aprendi a tecer a Faixa no Brasil, com cinquenta e poucos anos junto com meu neto, no Ponto de Cultura Sapicuá, então prefiro chamar de Faixa Pantaneira. Usar a Faixa Pantaneira é muito bom, o peão usa muito a Faixa e até pessoa de idade usa a Faixa, meu marido usava muito a Faixa porque trabalhou muito no campo, então campeiros usam porque protege eles em cima do cavalo, fazer força, é muito útil pra eles, protege a coluna, protege o rim. É na hora de fazer a Faixa tem que ter muita paciência pra montar a Faixa, para não errar e fazer bem firme pra durar, porque se você ficar com a mão frouxa ela pode desmanchar. É feita de maneira artesanal e precisamos em primeiro lugar do tear, e depois da linha. Tem que ser uma linha especial, porque a gente puxa muito e bate, para não arrebentar a linha; eu levo de dois a três dias, eu faço por encomenda e coloco no mercado para vender, tenho a Faixa como uma complementação da minha renda. Meu neto também aprendeu a fazer a Faixa Pantaneira no Sapicuá Pantaneiro.



Francisca de Fátima dos Santos

Eu aprendi a fazer a Faixa Pantaneira em 2003, no Sapi-cuá Pantaneiro, já tem 20 anos que faço a Faixa. Faço para venda, assim que as pessoas conhecem me ligam e encomendam, faço também Faixa para usar no chinelo e cinto feminino. Faço a renda na minha casa sozinha, tenho outras rendas, mas o que ganho com a Faixa ajuda muito. Hoje tenho uma profissão graças à Faixa Pantaneira, ela representa muito para mim porque hoje eu sou artesã. Eu sou artesã, porque a partir do momento que levaram esse curso lá, sou outra pessoa. Antes eu só trabalhava em casa e na fazenda e hoje sou faixeira.



Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa

Tilma Bongiovanni de Oliveira Rosa, artesã de Aquidauana, aprendeu a fazer a Faixa Pantaneira em 2003, com o Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro.

Na fazenda que eu trabalhava estavam previstos dois cursos: Nutrição e Faixa Pantaneira. A Dona Belkis me deixou responsável em falar com as mulheres, de fazer as inscrições e de levá-las, se quisessem, para fazerem algum curso. Esses cursos abrangiam toda a região e muitas fazendas disponibilizaram veículos para levar as mulheres ou quem quisesse participar, todos os dias nós íamos pra lá, de tractor. De chegada, fizemos uma apresentação e cada grupo foi para o local do seu curso. E o meu curso acabou mais cedo e tive oportunidade de ir no local onde estava sendo realizado o curso da Faixa, e foi lá que me apaixonei pela Faixa Pantaneira. Nossa, quanta cor! Quanta dedicação! Foi uma coisa assim.... foi amor à primeira vista, nunca pensei que fosse gostar tanto e me realizar tanto fazendo uma Faixa Pantaneira, na verdade mexendo com tear. Então, foi assim que eu conheci o Projeto Sapicuá. Foi através desta fazenda que morei no Pantanal, que tive a oportunidade e agradeço muito à Dona Belkis, ao projeto, e à Claudia que conseguiu levar lá, naquela distância, para tantas pessoas aprenderem a fazer a Faixa Pantaneira que podia com o tempo se tornar uma renda familiar.



Artesã Maria José Silva da Costa Rodrigues

Maria José Silva da Costa Rodrigues, 56 anos, nasceu em Albuquerque. É artesã e empregada doméstica, aprendeu a fazer a Faixa Pantaneira aos 18 anos de idade com uma prima, que também residia no Pantanal do Paiaguás. Atualmente confecciona a Faixa e vende por encomenda, enviando para o Pantanal do Paiaguás pelo seu filho que trabalha como gerente em uma fazenda daquela região.

Eu trabalho o dia todo como empregada doméstica, quando chego a noite o meu lazer é fazer a Faixa, faço Faixa para vender no Pantanal do Paiaguás. Meu filho trabalha numa fazenda lá e fica responsável por anotar as encomendas, me ligar e passar; quando termino, mando as faixas pela freiteira para ele. Minha filha mais nova tá aprendendo fazer a Faixa, esse meu filho que trabalha em fazenda já sabe fazer, aprendeu há 5 anos e faz mais rápido do que eu. O dinheiro que ganho com a venda das faixas é um complemento para mim, a Faixa é tudo para mim não consigo ficar sem fazer ela, meu tear tem mais de 30 anos, foi meu marido que fez para mim logo que casamos e tenho ele até hoje aqui comigo.



Marvina Silva Leite Oliveira

Marvina Silva Leite Oliveira, 56 anos, nascida na beira do Rio Paraguai, no Pantanal do Paiaguás, pelas mãos da sua avó que era parteira. Já conhecia a Faixa Pantaneira através dos familiares que usavam na lida no Pantanal, mas não sabia fazer. Há cinco anos, fez um curso na Escola Jatobazinho e aprendeu a tecer a Faixa Pantaneira.

Eu conhecia a Faixa porque quando era criança meu pai e meus primos usavam a Faixa mas nunca tive interesse em aprender, na região onde a gente morava tinha umas mulheres que faziam. Fui aprender a fazer a Faixa Pantaneira tem 5 anos, foi lá na escola Jatobazinho, um Curso que o Instituto Acaia deu pelo Projeto Sapicuá Pantaneiro. Confesso que demorei um ano para aprender a fazer a Faixa, eu fui insistente. Meu marido me ajudava, ele lia a cartilha que deixaram e ensinava a fazer a Faixa, aí ele ia me ensinando quando eu errava eu desmanchava tudo. Até que um dia eu consegui depois de um ano fazer a minha primeira Faixa e não parei mais.



Nilza Rocha Maciel

Nilza Rocha Maciel, 59 anos, nascida na cidade de Corumbá, reside na região do Paraguai Mirim há mais de 30 anos. Dona Nilza é pescadora e catadora de iscas vivas, mas após fazer o Curso do Modo de Fazer a Faixa Pantaneira, na Escola Jatobazinho, adquiriu a habilidade necessária e, atualmente, também é artesã.

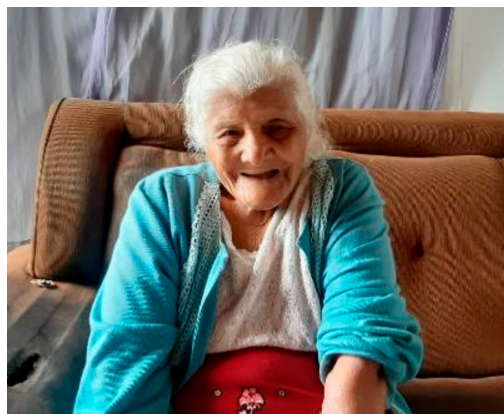
Eu aprendi a fazer a Faixa Pantaneira no curso que o Sapicuá Pantaneiro deu na Escola Jatobazinho, eu aprendi e minha filha também. Eu já conhecia a Faixa, mas não sabia fazer. Eu não faço a Faixa porque não tenho o tear, mas se tiver eu faço.



Maria Jovelina de Paula Costa

Maria Jovelina de Paula Costa, 65 anos, nasceu na Fazenda Triunfo, no Pantanal do Paiaguás. É artesã e ex-empregada de fazenda. Atualmente mora no Assentamento São Gabriel, vivendo como agricultora.

Eu aprendi a fazer a Faixa com minha avó aos 18 anos, uso o tear janela (vertical). Depois que casei parei de fazer, mas se tiver um tear eu faço a Faixa Pantaneira, eu ensinei minha prima Maria José que mora em Corumbá e faz a Faixa até hoje para vender.



Artesã Maria José de Aquino

Maria José de Aquino, 78 anos, nascida em Cuiabá, é moradora de Corumbá atualmente. Aprendeu a fazer a Faixa Paraguaia quando tinha 12 anos, com a sua avó, e confeccionava por encomenda. Faziam com a linha de algodão que a própria avó fiava. Atualmente não produz faixas.

Eu aprendi a fazer Faixa com minha avó quando tinha 12 anos. A gente fazia rede e Faixa, não tinha linha naquela época e a gente tinha que descarçar e fiar o algodão. Eu fiz Faixa por muito tempo e vendia para os peões de fazenda e depois eu mudei para a cidade e parei de fazer a Faixa, mas ensinei meu filho Agápito Manoel Aquino.



Agábito Manoel de Aquino

Agábito Manoel de Aquino, conhecido como Gabi, é natural da Fazenda Santo Antônio no Pantanal do Paiaguás, em Corumbá. Mora no assentamento Tamarineiro II Sul e aprendeu a fazer a Faixa com a avó que era natural de Cuiabá e sua mãe. Produz e usa a Faixa até hoje.

Eu aprendi com minha avó e com minha mãe, a gente usava o tear janela na vertical, fazíamos rede, baixeiro e Faixa, naquela época era tudo manualmente porque não tinha linha, a gente que plantava o algodão e trabalhava ele para virar fio e poder tecer no tear. Hoje se me der um tear eu faço a Faixa e ensino, assim como já ensinei meus parentes a trançar couro e fazer arreio de montaria, eu sempre vou na Selaria Campo Verde ajudar o Matias fazemos muitas peças em couro, aprendemos quando crianças na fazenda onde nascemos e crescemos na região do Pantanal do Paiaguás. Eu tenho Faixa até hoje, uso quando vou na reunião da escola, uso mais para passeio.



Artesão José Roberto

José Roberto tem 64 anos, é paranaense da cidade de Ibiporã, trabalha desde os 12 anos na área rural e, há 20 anos, como administrador de fazenda. Há 4 anos fez um curso de faixas pantaneiras e hoje é artesão na empresa Inspiraê, de Selma Brito, na cidade de Rio Verde, Mato Grosso do Sul. Pai de dois filhos, divide seu tempo entre os filhos, sua profissão e a produção de faixas ao lado de sua mulher.



Selma Brito – Ateliê Inspiraê

Selma Brito afirmou que começou a confeccionar a Faixa Paraguaiá/Pantaneira há dois anos, em virtude de ter participado das oficinas promovidas pelo Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro:

Quem nos convidou, que nos deu uma abertura foi a Cláudia de Medeiros, que através do Sebrae, trouxe esse curso para Rio Verde.

É importante o trançado ser bem feito e com o fio de qualidade. Usamos fio de qualidade para não dar nenhum problema com a questão do tingimento.



Antônio Carlos da Cruz Rocha

Antônio Carlos da Cruz Rocha tem 45 anos de idade, é pós-graduado em Gestão Pública, contador e radialista há mais de 10 anos na cidade de Rio Verde, Mato Grosso do Sul.

Eu tive a grata satisfação de ser convidado para participar de um curso de Faixa Pantaneira que aconteceu em Rio Verde onde a nossa Claudia de Medeiros do Sapicuá Pantaneiro e a nossa amiga Cida vieram aqui na cidade para apresentar pra gente há um ano e meio ou dois anos. Então, foi espetáculo porque conhecemos um pouquinho mais como é feita essa Faixa, onde aprendemos através do novelo de linha, faz as suas bolinhas também com as cores que você quer fazer sua Faixa Pantaneira e aí confecciona no tear artesanal. Apesar de hoje em dia ter faixas industrializadas, há a cultura tradicional que chegou através do Paraguai, do artesão produzir seu próprio adorno, importante de ser mantida e continuar de geração em geração, com meu filho que tem seis anos e o mais velho que tem 19 anos e para as gerações futuras também.

Sim, eu uso quando tem evento. No dia a dia, confesso que não uso. Mas a nossa cidade tem um cunho Pantaneiro. Para você, meu amigo artesão – principalmente aqui da cidade de Rio Verde, a cidade Pantaneira da região – eu gosto muito da parte da criatividade, então vamos fazer a nossa parte na divulgação. Vamos fazer nossa parte de divulgar a

nossa cultura pantaneira para que tenhamos o que oferecer para as pessoas que vêm para Rio Verde: uma lembrança, um adorno para um amigo. Então isso podemos fazer pela nossa cultura, vamos tematizar nossa cidade. Tanto como aqui no tear com a nossa amiga Claudia e a Cida e o nosso amigo José que estão fazendo um trabalho espetacular que é divulgar essa nossa cultura pantaneira e eu peço para você jovem também que tá aí assistindo a gente, passe pelos seus filhos esse espetáculo é você produzir com as mãos um adorno, um enfeite que uma pessoa poderá usar em um evento.

6.1 Trabalhadores do Pantanal entrevistados: ex-chefe de Comitiva, serviços gerais, peão e proprietário de fazenda.

Aristides Gomes de Arruda, 78 anos, é natural de Coxim, mas foi para Corumbá ainda criança. Trabalhou em fazenda da região da Nhecolândia e usava a Faixa para trabalhar na lida diária.



Aristides Gomes de Arruda

José Renê Bessa de Almeida, 74 anos, nascido em Fortaleza, mudou para Corumbá na década de 1960. Foi trabalhador de comitiva na região do Nabileque, Nhecolândia e Paiaguás. Usava Faixa Paraguaia na época, hoje está aposentado.



José Renê Bessa de Almeida

Matias da Silva, 53 anos de idade, nascido na região do Paia-guás, morador da cidade de Corumbá, mas em constante contato com o campo. Conhece a Faixa Paraguaia desde criança. Nunca confeccionou, mas a usou por um bom tempo.



Matias da Silva

Jonas Sebastião Gregório, Seu Jonas, trabalhador de fazenda desde os 12 anos de idade, nasceu na Fazenda Santa Clara, no Pantanal da Nhecolândia- Corumbá. Hoje, com 66 anos de idade ainda trabalha em fazenda e usa a Faixa Pantaneira:

os mais jovens estão tudo tendo problema de coluna porque não usam a Faixa, eu tenho 66 anos e trabalho desde 12 em fazenda, sempre usei a Faixa e nunca tive problemas na coluna.



Jonas Sebastião Gregório

Ibraim Neves, é natural da cidade de Mogi, e trabalha como peão de fazenda.



Ibraim Neves

Jorge, 56 anos, é natural de Aquidauana e peão na Fazenda Barra Mansa.



Jorge

Fermino Isaurado, 75 anos, é natural de Bela Vista, peão do Pantanal.



Fermino Isaurado

Francisca Fátima dos Santos, 66 anos, é natural de Barretos, São Paulo.



Francisca Fátima dos Santos

José Renato Gonçalves Ribeiro, 30 anos, é natural de Nova Andradina, proprietário de fazenda no Pantanal.



José Renato Gonçalves Ribeiro

Capítulo 7

PROJETO SAPICUÁ PANTANEIRO: AÇÕES DE SALVAGUARDA E TRANSMISSÃO DE SABERES



O Projeto Sapicuá Pantaneiro teve início em 2003, com a premissa da valorização da cultura pantaneira. Foi idealizado e coordenado pela produtora cultural Cláudia de Medeiros, que estruturou as atividades após a pesquisa de campo na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Nessa pesquisa, foram entrevistados peões e mulheres que trabalhavam em fazendas, mas também professores, pais e alunos dos Núcleos das Escolas Pantaneiras, especialmente na região do Rio Negro, Nhecolândia e Nabileque. Como resultado, foram apontados problemas como: a falta de continuidade dos projetos no Pantanal; a carência de materiais e equipamentos fundamentais para as ações e para a apreensão do conhecimento; a necessidade de estimular o diálogo entre jovens e adultos a fim de fortalecer a transmissão dos saberes entre as gerações.

De posse dessas informações, as oficinas foram concebidas de forma a reverter esse quadro, estimulando a interação entre gerações e resultando na criação de uma metodologia própria adequada. Contudo, para que os resultados pudessem aflorar de forma

positiva, havia ainda dois grandes desafios: a doação de materiais e equipamentos básicos e a introdução das oficinas na região pantaneira, especialmente nos núcleos escolares e fazendas, devido às longas distâncias dessas localidades e às estações de cheia e seca, peculiares à região do Pantanal.

O projeto aconteceu, inicialmente, por meio de oficinas itinerantes realizadas em parceria com as fazendas. Os Núcleos das Escolas Pantaneiras atuavam como guardiões de equipamentos e local de uso.

São eles: N.E. Querência; N.E. José Coelho Lima; N.E. Santana; N.E. Joaquim Alves Ribeiro; N.E. Figueira; Escola Municipal Projeto Esperança; N.E. Antônio Santos Ribeiro; N.E. São José; N.E. Ciryaco da Costa Rondon; N.E. Nhumirm e N.E. Vale do Rio Negro; Escola Municipal Bonifácio Gomes sala Santa Maria, na Fazenda Santa Otília e Fazenda Fazendinha, conforme demonstrado no mapa de atuação de 2003.

O mapa a seguir apresenta a espacialização desses núcleos na região do Pantanal.



A viabilização financeira do projeto foi um grande desafio, principalmente em um país de economia tão inconstante como o Brasil, pois não basta ter um bom propósito e um bom plano de ação se os recursos para os viabilizar são escassos e raros. O “não” é uma palavra quase certa quando se trata de patrocínio para projetos socioculturais.

Contudo, outras estratégias foram utilizadas, como: a articulação institucional, a proposição do projeto em editais por meio das leis de incentivos à cultura, a exemplo do Fundo de Cultura de Mato Grosso do Sul e da Lei Rouanet (Lei Federal de Incentivo à Cultura), além das inscrições em premiações institucionais. Apesar dos esforços para obter financiamento, muitas vezes o mesmo não acontece e recorrer a recursos próprios, mesmo não sendo ideal, é uma das soluções encontradas quando o compromisso social está enraizado na alma do gestor.

A partir de 2009, o projeto conquistou uma pequena sede no município de Aquidauana, no bairro Nova Aquidauana que é, por sua vez, considerado o “Bairro dos Pantaneiros” por residirem ali, cerca de mil e cem famílias, em sua maioria trabalhadores da região pantaneira. No decorrer de 2010, o Projeto Sapicuá Pantaneiro participou do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Programa este voltado ao reconhecimento e apoio às atividades e processos culturais já desenvolvidos, o que possibilitou estruturar o projeto como Ponto de Cultura, contemplando oficinas de audiovisual, leitura e encontro de professores.

Ao longo de duas décadas, muitas ações de salvaguarda e difusão da cultura pantaneira foram realizadas. Na sequência, um panorama das principais ações voltadas à produção, difusão e comercialização da Faixa Paraguaia/Pantaneira.

7.1 Manual das oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro

Num processo contínuo de construção pedagógica voltada

para atender às especificidades do público e a estratégia da continuidade, a WWF Brasil patrocinou o livro “Artesanato do Pantanal: Manual das Oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro” lançado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS).

Este manual foi uma produção inédita, idealizado principalmente por falta de referências anteriores sobre o registro do modo de fazer e de tecer a Faixa e pautado na perspectiva do processo pedagógico e das vivências decorridas nas oficinas. O manual foi referenciado pelo professor doutor Richard Perassi (2006), coordenador pedagógico do Núcleo de Inovação e Design em Artesanato da UFMS:



O manual cumpre com eficiência as funções didáticas para as quais foi planejado e compartilha o mérito de reunir excelentes profissionais e a comunidade pantaneira em um relevante empreendimento pedagógico e social, cuja repercussão é muito significativa por sua dimensão simbólica e por sua eficácia no campo prático.

O manual foi distribuído gratuitamente às escolas, instituições públicas e alunos do Projeto Sapicuá Pantaneiro. Parte da primeira impressão do livro destinou-se à comercialização, como forma de obter recursos para as ações, com edição limitada de dois mil exemplares, esgotada desde 2009.

7.2 Videoaula Faixa Paraguaia/Faixa Pantaneira – tecendo nossa história

A modernização e a utilização dos recursos tecnológicos, principalmente dos celulares, está cada vez mais presente na vida

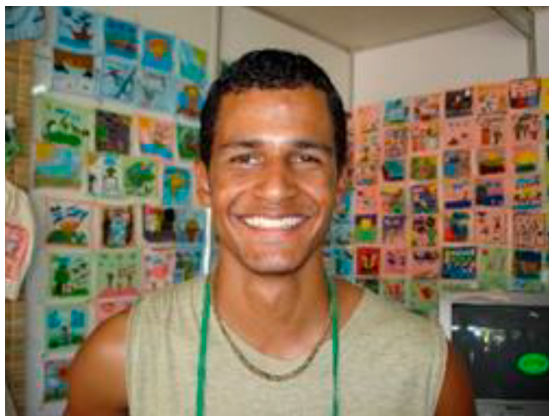
do trabalhador da região pantaneira. Já dominam a tecnologia básica que lhes permite usufruir de conteúdos virtuais, seja via *YouTube*, pesquisa *Google*, além do uso do *Whatsapp*. Esses aplicativos promovem troca de informações e são ferramentas potenciais para difusão de conhecimento e ampliação cultural, razões que justificaram a proposição do projeto Videoaula Faixa Paraguaia/ Faixa Pantaneira – Tecendo Nossa História. Este foi o primeiro registro do modo de fazer a Faixa Paraguaia em audiovisual de que temos conhecimento.

Para criação, produção e edição das videoaulas houve a estruturação de um projeto pedagógico, para que as aulas fossem preparadas com uma linguagem adequada, tanto para pessoas residentes nos centros urbanos, como para as moradoras na zona rural.

A videoaula procura incentivar a produção empreendedora da Faixa Paraguaia no universo pantaneiro. A Faixa Paraguaia/Pantaneira traz consigo a base de uma economia criativa sustentável, rica em memórias e símbolos. O conteúdo foi organizado em onze aulas distintas, que compõem o passo a passo para produzir a Faixa e para confeccionar o tear. Para promover o acesso aos conteúdos, foi criada a página oficial do projeto <https://www.faixaparaguaia.com.br/> e um canal do Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/@faixaparaguaia2709/videos>.

A videoaula fortalece a produção artesanal e a articulação das artesãs, especialmente em comunidades distantes. No momento em que nosso acesso à informação é facilitado pela tecnologia, o conhecimento pode ser mais difundido de forma virtual. Além disso, a riqueza cultural presente na confecção da Faixa Paraguaia valoriza a produção do artesanato e possibilita a inovação do produto que, conseqüentemente, gera novas oportunidades para quem o produz.

7.3 Contribuição acadêmica



Higor Henrique Advenssude Teixeira

Um dos resultados importantes quanto à contribuição do projeto Sapicuá Pantaneiro foi o fato de transcender o ambiente pantaneiro para contribuir com o conhecimento acadêmico, tornando-se tema de trabalhos científicos de graduação, mestrado e extensão universitária.

Higor Henrique Advenssude Teixeira, graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuou em ações de valorização e salvaguarda do patrimônio imaterial através do Projeto Sapicuá Pantaneiro no período de 2004 a 2006. Amanda Leal Marques finalizou a graduação em Rádio e TV pela Universidade Católica Dom Bosco com a produção do Vídeo documentário de caráter institucional do Projeto Sapicuá produzido em 2006. A psicóloga Michele Honorato Arantes defendeu sua dissertação de mestrado voltada para “A construção da identidade de crianças pantaneiras”, de 2007. Claudia de Medeiros realizou seu trabalho de conclusão de curso em Pedagogia com o tema Projeto Sapicuá Pantaneiro, no ano de 2011. Adriano Pereira Castro Pacheco defendeu o trabalho de mestrado “A Economia Criativa e os Pontos de Cultura: Uma agenda e cooperação para o Desenvolvimento Local”, de 2016.

7.4 O homem pantaneiro: cultura, ciência e tecnologia – dos tempos do Sapicuá Pantaneiro aos tempos de CPU

O Projeto Sapicuá Pantaneiro colaborou com o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal prof. Fauze Gattass Filho, em Aquidauana, constituído pelo Projeto: “Amigos da Cidadania, da Cultura e do Meio Ambiente”, que a partir de 2011 passou a ser denominado “Tecnologias Sociais: o Pensar, o Fazer e o Inovar na Comunidade”. Coordenado pela professora Aparecida Cristina Campello Curado Piccolo, o projeto político pedagógico propôs a realização de iniciação científica por parte de um grupo de alunos (8º ano) em pesquisa sobre “O Homem Pantaneiro: Cultura, Ciência e Tecnologia, dos tempos de Sapicuá Pantaneiro aos tempos de CPU”, trazendo oficinas sobre artesanato cultural pantaneiro, como a Faixa Pantaneira e a argila; sobre a alimentação típica e também metodologias de intervenções em arte e cultura. As oficinas e as intervenções metodológicas foram realizadas em parceria com o projeto Sapicuá Pantaneiro.

7.5 Participação em eventos e festivais

A participação do Projeto Sapicuá Pantaneiro nos festivais e eventos foi importante para ampliar a difusão e promoção da Faixa Paraguaia/Pantaneira. Nesses espaços são oferecidas ao público oportunidades de tecer e de montar a Faixa. É comum que a pessoa, ao tecer uma Faixa, se encante e revise na memória histórias de seus avós; esta sensibilização é reforçada por meio de exposições fotográficas e dos próprios produtos.

Cabe ressaltar que os Festivais estão em ascensão e desempenham importante papel de catalisador econômico e cultural. Visto que eles favorecem diferentes setores da economia criativa, do turismo e do desenvolvimento local. Estes espaços revelam talentos e impulsionam a cultura, criando um ambiente propício de

interação do público e causando, quase sempre, uma sensação de pertencimento, pois reúnem pessoas diferentes em torno de uma mesma paixão compartilhada.



Festival América do Sul - 2005



Encontro das Comitivas - 2016



Congresso da Mandioca - 2005



Dia do Homem Pantaneiro/Aquidauana 2009



Da direita para esquerda. Higor Henrique Advenssude Teixeira, Claudia Medeiros, Aroldo Garay e Denise Rondon

7.6 As oficinas e a geração de oportunidades para as artesãs

As oficinas da Faixa Paraguaia/Pantaneira levadas para os adultos capacitou, em sua maioria, mulheres pantaneiras, mas a Faixa não ficou apenas no contexto feminino. Em casa, elas repassam este conhecimento aos maridos, que se tornaram faixeiros, a exemplo da dona Rose e seu esposo Brasinha, que hoje confecciona suas próprias faixas.

Inicialmente, a produção não teve foco na comercialização da Faixa como produto, pois o intuito era a difusão da Faixa como um bem do patrimônio imaterial. A produção procurou atender às necessidades da casa, ou seja, da família. O marido, ao usar uma Faixa confeccionada pela esposa, despertava a curiosidade do outro, a comercialização foi uma das consequências. Ao estimular o uso e a produção local, surgiram as demandas de amigos, compadres, comadres, pousadas locais.

Em 2003, a comunicação no Pantanal não estava estabelecida e o acesso à internet não era disponível para todos, o que dificultava o processo de comercialização. O uso desta ferramenta era limitado e, além disso, existiam ainda as grandes distâncias por onde se desejava estabelecer a circulação de uma produção artesanal em pequena escala, desconhecida por um grande público. Assim, para melhor conduzir uma produção responsável, estimulou-se, inicialmente, o uso como forma de apropriação cultural para, então, dar início a comercialização local.

Algumas faixeiras, residentes no Pantanal, recebem os visitantes em suas casas que, além de adquirirem o artesanato de referência cultural, tem a oportunidade de vivenciar experiências únicas, que estimulam a integração com o ambiente, os sentidos e as emoções, pois o artesanato configura-se como um dos elos mais importantes da cadeia produtiva do turismo.

A artesã Cecília Almeida tornou-se naturalmente uma difusora da Faixa e estimula a produção onde mora, capacitando

outras mulheres. A fazenda Barranco Alto é um dos principais pontos de comercialização de suas faixas, parte da venda vai para a manutenção da escola – o Núcleo Escolar Vale do Rio Negro. Tilma Bongiovanni atualmente trabalha na fazenda Caimam, município de Miranda, e procura replicar o conhecimento adquirido nas oficinas do Projeto Sapicuá Pantaneiro realizadas na Fazenda Fazendinha. Ensinou a produção da Faixa para sua filha e juntas criaram a marca AF - Arte em Família, segundo Tilma: “tenho uma boa renda familiar desde que comecei a fazer a Faixa, gostei de compartilhar com as pessoas ao meu redor”.

É relevante registrar que ao realizar esta pesquisa foi possível identificar que a eclosão da pandemia da Covid-19 trouxe grandes prejuízos para estes artesãos faixeiros, principalmente o pantaneiro. Muitos perderam consideravelmente a renda familiar, e sem habilidades digitais para usar a tecnologia, a produção das faixas diminuiu significativamente. Porém, com a exibição da Novela Pantanal, houve nova visibilidade para a Faixa Pantaneira, reafirmando sua condição de bem cultural pantaneiro.

Para compor o figurino do peão pantaneiro, a Faixa é fundamental. Sem dúvida a audiência da novela elevou o interesse pela Faixa Pantaneira, não apenas para o público sul-mato-grossense, mas para todo o Brasil.



Núcleo Escolar Vale do Rio Negro (2005)



Oficina de Faixa na Colônia Buriti, Aquidauana



Oficina de Faixa em Rio Verde



1º Turma de Faixeiros de Rio Verde (2021)

7.7 A Faixa Paraguaia como instrumento pedagógico interdisciplinar

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em seu documento “Guia Básico de Educação Patrimonial”, definiu a Educação Patrimonial como: “Um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo socio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.¹⁷

No texto: “Educação Patrimonial - histórico, conceitos e processos”, para ressaltar a importância da Educação Patrimonial, destacamos a fala de Rodrigo Franco de Melo:

Em verdade, só há um meio eficaz de assegurar a defesa permanente do patrimônio de arte e de história do país: é o da educação popular. Ter-se-á de organizar e manter uma campanha ingente visando fazer o povo brasileiro compenetrar-se do valor inestimável dos monumentos que ficaram do passado. Se não se custou muito a persuadir nossos concidadãos de que o petróleo do país é nosso, inculcá-los a convicção de que os patrimônios histórico e artístico do Brasil são também deles ou nosso, será certamente praticável.¹⁸

A respeito da introdução no Brasil da Educação Patrimonial, tem-se que ela ocorreu em 1983,

17.(IPHAN, p. 4).

18.(MINISTÉRIO DA CULTURA, 1987, p. 64, apud OLIVEIRA, 2011, p. 32).

Como uma metodologia inspirada no modelo da *heritage education*, desenvolvido na Inglaterra. Em 1996, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro lançaram o Guia Básico de Educação Patrimonial, que se tornou o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN durante a década passada.¹⁹

Somente com o passar do tempo é que instâncias a respeito do assunto foram desenvolvidas, como o caso da criação da Gerência de Educação Patrimonial e Projetos (GEDUC), em 2004, pelo IPHAN, com vistas a dar tratativas adequadas à Educação Patrimonial.

O grande problema das ações de Educação Patrimonial, conforme pontuou o IPHAN, é o de que:

Nos últimos anos, multiplicaram-se iniciativas educacionais voltadas à preservação patrimonial. Ao se adotar a expressão Educação Patrimonial, uma grande variedade de ações e projetos com concepções, métodos, práticas e objetivos pedagógicos distintos foi realizada por todo o país. Não obstante a extrema pertinência e a importância dos resultados alcançados por essas iniciativas, nem sempre se discerne uma orientação programática definida, subjacente a esse conjunto heterogêneo: ações pontuais e esporádicas de promoção e divulgação se acotovelam com propostas educativas continuadas, inseridas na dinâmica social das localidades; projetos e encontros, materiais de apoio, cadernos temáticos e publicações resultantes de oficinas se misturam a práticas significativas em que esses materiais não constituem um fim em si mesmo; ao contrário, compõem partes de processos educativos.²⁰

Desse modo, a Educação Patrimonial foi o eixo central das oficinas ofertadas pelo projeto Sapicuá Pantaneiro. As atividades de Educação Patrimonial promovem o intercâmbio e a troca de experiências e deve assegurar alguns recursos, dentre eles, o da diversidade cultural.

19. (FLORÊNCIO, 2014, p. 13).

20. (FLORÊNCIO, 2014, p.19).

Nesse processo, as iniciativas educativas devem ser consideradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente. Também devem enfrentar o desafio de encarar a problemática de que, no Brasil, nem sempre a população se identifica ou se vê no conjunto do que é reconhecido oficialmente como patrimônio cultural nacional.²¹

As oficinas de arte-educação para o ensino da confecção da Faixa foram estruturadas para atender crianças do 1º ao 4º ano. De acordo com o propósito do projeto Sapicuá Pantaneiro, as oficinas foram realizadas em turmas mistas, com crianças de todas as idades e a presença da comunidade, criando espaço para o diálogo entre gerações em torno do modo de fazer tradicional de um bem imaterial.

Para o desenvolvimento do Projeto, a metodologia utilizada priorizou a interdisciplinaridade. Crianças e adolescentes puderam produzir Faixas Paraguaias em mini-teares a partir do seu conhecimento de mundo. As oficinas consideraram as seguintes áreas de conhecimento: História, Arte, Matemática, Ciências e Habilidades Motoras. Para a produção da Faixa, foram utilizados conhecimentos em:

- História: para tratar das origens da Faixa Paraguaia via navegação fluvial e contatos culturais e sua importância como patrimônio;
- Arte: para a inspiração no modo de fazer e nas cores utilizadas;
- Matemática: para realizar medições de tamanho das linhas e das formas geométricas;
- Ciências: para reflexão das cores da Faixa que envolvem os elementos da natureza como paisagens e animais;
- Habilidades Motoras: para desenvolver o movimento de tecer controlado e equilibrado, visando uma boa confecção.

21. (FLORÊNCIO, 2014, p. 20).



Oficinas para crianças, algumas utilizando o mini-tear produzido pelo Ponto de Cultura Sapicuá Pantaneiro

A Educação Patrimonial em torno da Faixa Paraguaia/Pantaneira também foi vivenciada em espaço escolar, no universo urbano. A esse respeito, a acadêmica Bruna Medeiros Cordeiro, durante sua formação profissional para obter a Licenciatura em Geografia, desenvolveu seu estágio supervisionado na Escola Estadual José Antônio Pereira, no município de Campo Grande. Com base nas experiências pedagógicas de Educação Patrimonial aplicadas pelo projeto Sapicuá Pantaneiro, Bruna Medeiros Cordeiro reconheceu na Faixa Paraguaia a oportunidade de explorar temáticas importantes na área da Geografia: paisagem, identidade, cultura e território. Podemos conferir no seu relato a aplicação da Educação Patrimonial em torno da Faixa: “Com o apoio da direção escolar, criei uma aula na qual trabalhei com uma introdução teórica contando aspectos históricos e geográficos que envolvem o

uso e a produção da Faixa Paraguaia seguida de aula prática com teares. Os alunos trabalharam em grupo e produziram marca-textos com o tear da Faixa”.

No universo escolar, a experiência com a Educação Patrimonial em torno da Faixa tem demonstrado ser um importante instrumento de empoderamento cultural, fortalecendo o vínculo do aluno com o lugar, sejam eles da região pantaneira ou não. O Bioma Pantanal, ainda que assegurado como Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988, é pouco acessado pelos sul-mato-grossenses ficando restrito, muitas vezes, aos proprietários das fazendas, àqueles que nelas trabalham e aos visitantes que, com a expansão do turismo na região, são cada vez mais frequentes. Desta forma, a Educação Patrimonial se faz cada vez mais necessária para a manutenção da cultura e preservação do Pantanal.

Ademais, o Projeto Sapicuá Pantaneiro por suas atividades voltadas à Educação Patrimonial, foi classificado regionalmente na categoria de Salvaguarda de Bem de Natureza Imaterial no Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 2005, premiação promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

7.8 A novela Pantanal como mecanismo de divulgação da Faixa Paraguaia

A primeira versão da novela Pantanal, telenovela brasileira, foi exibida pela Rede Manchete de 27 de março a 11 de dezembro de 1990. Em 216 capítulos trouxe à tona a importância da Faixa Paraguaia como símbolo usado pelos peões. Na Figura a seguir, é possível verificar o personagem do ator Paulo Gorgulho usando a Faixa na cintura.

A segunda versão da novela Pantanal, de março de 2022, produzida pela TV Globo, virou novamente os holofotes para a vida, rotina e cultura pantaneiras, dando maior visibilidade à Faixa Pa-

raguaia, uma vez que mostrou o uso e sua apropriação pelos personagens. Na imagem, observa-se um dos atores, representando um peão pantaneiro, tocando o berrante e utilizando a Faixa Paraguai na cintura como forma de sustentação da coluna vertebral.



Cena da novela Pantanal- 1ª versão/1990. Fonte: TV Globo



Cena da novela Pantanal- 2ª versão/2022. Fonte: TV Globo

A Faixa foi usada por diferentes personagens na novela, o que só reforça a importância desse símbolo como marca do Pantanal, de uma rotina de vida e de uma tradição cultural. Também foi utilizada com outras finalidades, como o jogo de mesa da casa do personagem José Leôncio.

Para atender a demanda de figurino e cenário da novela, a Globo adquiriu cerca de cem peças entre faixas e produtos decorativos de artesãs pantaneiras, que serviram de incentivo à essa comunidade, principalmente por se tratar, na época, de um contexto pandêmico, que acarretou numa crise financeira e social.



Uso da Faixa Paraguaia por personagens da novela. Fonte TV Globo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos nós sabemos a importância do Pantanal para o Brasil e para o mundo. Considerado Patrimônio Nacional na Constituição de 1988, desde os anos 2000 parte da região é considerada Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2015, a Organização também lançou a Agenda 2030 contendo os objetivos para o desenvolvimento sustentável, com a finalidade de erradicar a pobreza e promover vida digna dentro dos limites do planeta. O Brasil, como país membro da ONU, também assumiu esse compromisso e o Pantanal, por sua importância, é uma região prioritária.

A criação do Geopark Bodoquena-Pantanal no ano de 2009, em Mato Grosso Sul, trouxe novas formas de desenvolvimento, levando em conta a valorização da paisagem geológica dos municípios pantaneiros. Em junho desse mesmo ano, o Governo do Estado sancionou a Lei nº 5.518/20 que tornou o dia 12 de novembro Dia do Pantanal. Tudo isso porque o território possui características representativas do processo de interação entre homem e natureza: a vida e as ciências humanas imprimiram marcas e valores ao meio ambiente.

Então, não há como compor uma paisagem sem que o homem pantaneiro esteja presente. A cultura desse homem é arraigada às suas raízes, e tão cheia de significados, que se torna uma amostra de força e resistência às transformações econômicas, culturais, sociais e políticas.

Essa cultura encanta o turista que chega ao Pantanal e proporciona experiências únicas ao visitante. Uma dessas experiências é a passagem das comitivas boiadeiras. Elas são raras mas, ao viajar pela região, é possível encontrá-las com todos os seus elementos característicos: peões paramentados com Faixas Paraguias/Pan-

taneiras, bruacas, pirains e alforje. Para o visitante que vivencia pela primeira vez, o encontro com a comitiva é uma experiência que não será esquecida. Este encontro entre o passado e o presente fica na memória, nas fotografias e nas redes sociais.


Tão rico quanto o Pantanal é o seu entorno. Nos municípios que o ladeiam, a vida cultural acontece e se transforma. O artesão, com seu olhar peculiar sobre a região, revela sua conexão com o entorno imprimindo em sua obra os símbolos locais. As Faixeiras e os Faixeiros – dentro ou não do Pantanal – estão em maior número a cada dia. Eles produzem as Faixas, colocam em circulação e as fortalecem como bem cultural imaterial.

Apesar da crescente apropriação desse bem, um grande baque na produção foi sentido com a eclosão da pandemia da Covid-19, trazendo prejuízos significativos para os artesãos Faixeiros, principalmente os pantaneiros. Muitos perderam consideravelmente a renda familiar e, sem habilidades digitais para o uso da tecnologia na promoção do trabalho, a produção da Faixa foi reduzida.

Por outro lado, a exibição da novela Pantanal em 2021 pela TV Globo, trouxe nova visibilidade à Faixa Paraguaia/Pantaneira, reafirmando sua condição de um bem cultural regional, pois a Faixa Pantaneira é fundamental para compor o figurino do peão. A demanda pela produção das faixas para a novela foi suprida pelas artesãs do Pantanal, capacitadas pelas ações do Sapicuá Pantaneiro ao longo dos anos. Essas artesãs, além de confeccionarem as faixas, produziram outras peças para compor o cenário, utilizando-se da mesma técnica tradicional.

Diante dessas oportunidades, torna-se fundamental realizar ações de salvaguarda da Faixa Pantaneira, principalmente por estarem diretamente relacionadas à preservação e ao reconhecimento simbólico da cultura pantaneira por meio do uso (funções e possibilidades), do modo de fazer (técnicas e instrumentos) e da apropriação (valorização e reconhecimento).

Considerando que a pesquisa feita em fontes documentais, e



orais, indicou corrente e contínuo uso e apropriação da Faixa Paraguaia no Estado de Mato Grosso do Sul, em especial nas cidades objetos de estudo: Aquidauana, Bodoquena, Corumbá, Coxim, Ladário, Miranda, Porto Murtinho e Rio Verde de MT, recomenda-se reivindicarmos o registro do modo de fazer a Faixa Paraguaia, para que sejam asseguradas condições de sua preservação e transmissão como cultura regional.

COLABORADORES

Pesquisa documental: *Daiane dos Santos, Wanessa Rodrigues, Claudia de Medeiros*

Entrevistas: *Lucas Wagner Contar Vendimiati; Wanessa Rodrigues, Claudia de Medeiros, Rosilene Dionísio Leite*

Assistente de Produção: *José Carlos de Arruda*

Direção Executiva: *Claudia de Medeiros*

Contabilista: *Hamilton Antunes Barcelos*

Pesquisadores que efetivamente contribuíram para a elaboração do presente ebook: *Sylvia Cesco, Marília Leite, Professor Doutor Firmino de Oliveira Neto*

Imagens videoaula/Foto da Capa: *Elis Regina Nogueira*

Tratamento das fotos videoaula: *Evelin Perdomo*

Fotografias: *Claudia de Medeiros, Lucas Wagner Contar Vendimiati, Wanessa Rodrigues, Rosilene Dionísio Leite, Luciana Teixeira, Guilherme Rondon, Elis Regina Nogueira.*

Agradecimentos: *Luis Henrique Rondon, Guilherme Rondon de Barros, Bruna Medeiros Cordeiro, Lívia Medeiros Cordeiro e ao Sr Luiz Claudio Sabedotti Fornari pelo incentivo em a valorização da cultura pantaneira no estado de Mato Grosso do Sul.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilberto Luiz. *Arte, Artesanato e Desenvolvimento Regional: Temas Sul-mato-grossenses*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014. 104 p.

_____. *Cultura: críticas ao uso e significados do termo*. Instituto Cultural, 24p.

BARROS, Abílio de. *Gente pantaneira*. Campo Grande: [s. e.], 1998.

BIGATÃO, Rosiney Isabel. *A construção da imagem do peão pantaneiro: a inscrição da TV e do rádio na cultura mestiça do pantanal de MS*. 252 fls. Dissertação (Mestrado em comunicação e semiótica). PUC/São Paulo, 2010.

BRAND, Antônio (org.). *A história das fronteiras guaranis na província de MT (1749-1910)*. In.: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. *Dilema e diálogos platinos*. Ed. UFGD, 2010.

BRAZIL, Maria do Carmo. *O rio Paraguai e a guerra. Contribuição para o ensino de História*. *Anais XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*, 44p.

BRITO, Vivian Costa (Org.). *Paraguai, desenvolvimento e indústria maquiladora de exportação*, XVII Enanpur, São Paulo, 2017.

CACÉRES, Reina. *Poncho Paraguayo: Hilos de tradicion*. Servilibro, 2003, 81 p.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. trad. Heloísa Pezza Cintrão. 4 ed. 8 reimp. – São Paulo: Editora USP, 2019.

CENTENO, Carla Villamaina. *História e memória na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai*. In.: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. *Dilema e diálogos platinos*. Ed. UFGD, 2010.

CHEDID, Daniele Reiter. A alteração das relações de vizinhança entre Brasil e Paraguai: A aproximação cultural como política (1950-1970). In.: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. *Dilema e diálogos platinos*. Ed. UFGD, 2010.

EMBRAPA. O pantanal e o pantaneiro. Corumbá: CPAP, junho de 1990.

FLORENCIO, Sônia Rampim (Org.). *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. 2. ed. rev. ampl. – Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil: 1875-1878*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1880.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, Fronteira, Brasil: Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: EdUFMT. Entrelinhas, 2012.

HIGA, Evandro Rodrigues. *Para fazer chorar as pedras: guarânicas e rasqueados em um Brasil fronteiriço*. Campo Grande: UFMS, 2019. 416p.

IBARS, Margarita Miró. *Artesanía paraguaya de Carapeguá: patrimonio inmaterial*. Servilibro, 2017.

IPHAN. *Guia básico de educação patrimonial*. Museu Imperial, MINC. 69p.

LIMA, Silvia Cunha. *Tecnologia cerâmica Chimú: estudo arquiométrico da coleção do MAE/USP*. 198 fls. Tese (Doutorado em Arqueologia). USP, São Paulo, 2010.

MEDEIROS, Claudia (org.) *Manual das Oficinas do Projeto Sapicua Pantaneiro: Artesanato do Pantanal*. Campo Grande, MS: s. ed., 2006. 147 p.

MELIÀ, Bartolomeu; TELESCA, Ignacio. Los pueblos indígenas em el paraguay: conquistas legales y problemas de tierra. Centro de estudos paraguayo Antonio Guasch. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 85-110, out. 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831997000200005>

MENCHACA, Maria Rocio Duria. *Vestimenta paraguaya a través del tiempo*. Editorial Atlas, 2010. 160p.

NEVES, Oswaldo da Silveira. (Org.). Distribuição geográfica atual dos algodoeiros perenes no Brasil. *Bragantia*. n° 35. v.7. Campinas, dez.1968. 39p.

NEUMANN, Eduardo. A participação guarani missioneira na vida colonial rio-platense. *Estudos ibero-americanos*. PUCRS, v. XXI, n°1, p.37-48, jul.,1995.

PACHECO, Adriano Pereira de Castro Pacheco. *A economia criativa e os pontos de cultura: uma agenda de cooperação para o desenvolvimento local*. 172 fls. Dissertação (Mestrado em Administração). Campo Grande, 2016, 172p.

PERUSSET, Macarena. *Guaraníes y españoles: primeros momentos del encuentro en las tierras del antiguo Paraguay*. Anuario del Centro de Estudios Históricos «Prof. Carlos S. A. Segreti» Córdoba (Argentina), año 8, n° 8, 2008, 245-264. ISSN 1666-6836.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

PROENÇA, Augusto César. *Gente, tradição e história*. [S.l.]: Morena, 1992.

RODRIGUES, Sandra Maria Moraes; MIRANDA, José Ednilson. *Relatório de Viagem às áreas produtoras de algodão do Paraguai e Argentina*. Embrapa, 2007. 30 p.

RODRIGUES, Wanessa Pereira. **FRONTEIRA, IMIGRANTE E PATRIMÔNIO CULTURAL: DESAFIOS DE GESTÃO COM BASE EM METODOLOGIAS DO CIRCUITO DE APOIO AO IMIGRANTE EM CORUMBÁ, MS**. 129p. 2021. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS)

SOUZA, J.C.O sertão cosmopolita. Tensões e Modernidade em Corumbá (1872-1918). São Paulo: Alameda, 2008.

LEGISLAÇÃO

Decreto nº 12.686, de 30 de dezembro de 2008: Regulamenta a Lei nº 3.522, de 30 de maio de 2008, que “Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Mato Grosso do Sul”, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.icgilbertoluizalves.com.br/livros-autores>.

SITES CONSULTADOS

Site da Artesanía Paraguai: <https://www.artesania.gov.py/>

Site da Biblioteca Nacional: <https://www.bn.gov.br/>

Site de Coxim: <http://www.coxim.ms.gov.br/noticia/encontro-de-comitivas-sera-neste-sabado-em-coxim/63141>

Site da Faixa Paraguaia: <https://www.faixaparaguaia.com.br/>

Site do Grupo Folclórico: <https://paraguaitete.wordpress.com/2013/06/14/grupo-folclorico-alma-guarani/>

Site do Ibercultura Viva: <https://iberculturaviva.org/tag/pontos-de-cultura/>

Site do IHGMS: <https://ihgms.org.br/>

Site do IHGMT: <https://www.ihgmt.com.br/>

Site do Iphan/MS: <http://portal.iphan.gov.br/ms>

Site do Museu del Barro: <https://www.museodelbarro.org/>

Site do Sebrae: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ms?codUf=13>

Youtube Faixa Paraguaia: Tecendo Nossa história: https://www.youtube.com/channel/UCqamUSH_1cIfG1bFsUFKDDw

AUTORAS



Claudia de Medeiros é pedagoga, gestora e produtora cultural com pós-graduação em Economia Solidaria pela Universidade Federal de Tocantins, e Gestão Cultural através do programa da UNESCO com o Itaú Cultural e a Universidade de Girona na Espanha. Exerceu a função de Superintendente de Economia Criativa da Secretaria de Estado de Cultura, Turismo, Empreendedorismo e Inovação. Coordenou o Programa de Apoio à Implementação dos Sistemas Municipais de Cultura de Mato Grosso

do Sul. Atua como Consultora e Instrutora Cultural do SEBRAE/MS. Como diretora executiva da CM Marketing Cultural realizou projetos com artista de diferentes segmentos culturais. É também idealizadora e coordenadora do projeto Sapicuá Pantaneiro, com 20 anos de atuação na região do Pantanal de MS



Daiane Lima dos Santos é historiadora e Doutora pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Relações étnico-raciais, gênero e diferenças no contexto do ensino de História e Cultura brasileiras pela Faculdade de Educação da UFMS,

Campo Grande. Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus do Pantanal (UFMS/CPAN). Atua no grupo de pesquisa Fronteira e Oeste Brasileiro: Sociedade, Cotidiano e Política - UFMS e no grupo de pesquisa Fronteira Sudoeste: política, economia, identidades e representações - UFGD. Tem experiência na área de História, Cultura, Patrimônio, Fronteiras, Identidades e Relações Étnico-raciais.



Wanessa Pereira Rodrigues é socióloga. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, possui especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico - UNB e especialização em Gestão Pública pela UCDB. Mestra em Estudos Fronteiriços pela UFMS. Entre os anos de 2013 a 2016 foi presidente da Fundação Municipal de Cultura em Ladário. Em 2017 criou a Empresa Saber Cultura, que atualmente presta serviços de consultoria, elaboração de projetos e produção cultural. Possui trabalhos realizados na área de Gestão Cultural, Cultura Popular e Patrimônio Cultural.



Esta obra foi composta em Electra
em abril de 2023.

**“Incentivo do Fundo de Investimentos Culturais – FIC/MS –
do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul
(Lei nº 2.645/03 – Campo Grande – Mato Grosso do Sul – 2021)”.**

“PROJETO INCENTIVADO PELO FUNDO DE INVESTIMENTOS CULTURAIS – FIC/MS”



**GOVERNO
DO ESTADO**
Mato Grosso do Sul

